

10.133

CHRISTOVAM DE CAMARGO a

Ricardo Levene,

Condi elemente -

Rio, 25-9-36.

PANDEMONIO

IMPRESSÕES

Del Congreso Internacional de P. E. N. Clubs

Apuntes especiales para LA NACION, por Fresno



Zweig -- Ludwig -- Bonains -- Leivick -- Figueiredo -- Camargo -- Peixoto -- Souza -- Sanin Cano -- Beyles

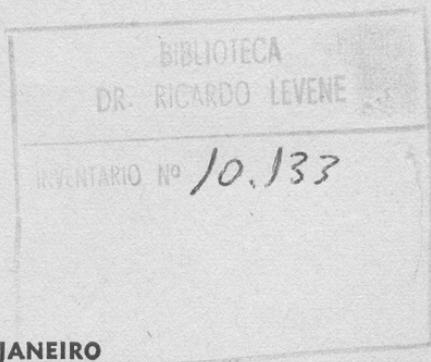
Rio de Janeiro

1 9 3 7

CHRISTOVAM DE CAMARGO

PANDEMONIO

Impressões do Congresso de Escriitores, reunido em setembro de 1936, em Buenos Aires, sob os auspícios da Federação Internacional dos *Pen Clubs*.



RIO DE JANEIRO

1937

DO AUTOR

- O Inventor e outros contos.
- Contos impossíveis.
- O Estranho caso de Pelino Mendes.
- Fabulario de Vôvô Indio.
- O Enigma mulher.
- Flor de volupia.
- Notas de hontem e de hoje.
- Prosas excetricas.
- Confraternização sulamericana.
- O grave problema da instrucção popular no Brasil.
- Subconsciente, o nosso immenso mundo interior.

No prelo

- Idéas e perfis.
- O que é e o que deve ser. (Epitome de reorganização nacional).

O Congresso Internacional dos Pen Clubs! Que boas recordações não terão deixado em Buenos Aires esses escriptores, vindos de todos os pontos do orbe, attraídos pela calorosa hospitalidade do fidalgo povo argentino! A eloquencia de uns, as exquisitices de outros, o talento de quasi todos. . . O talento de todos, pois que não é possivel conceber-se um escriptor sem talento, sem muito talento! . . . Recordações mais felizes que as dos argentinos só podem ser as que conservam os seus hospedes de uma ou duas semanas, deslumbrados que ficaram, mais do que com a esplendida recepção que tiveram, — com a admiravel sensibilidade da gente portenha pelas coisas do espirito, o interesse com que acompanhou os debates do Congresso, a nobre curiosidade demonstrada pelo trato das idéas, pelas discussões em que procuravamos esclarecer os problemas que affectam a manifestação universal do pensamento.

Quando arribámos a Buenos Aires — Claudio de Souza, Afranio Peixoto e eu, precisamente no dia em que se inaugurava o Congresso, a maioria das delegações ali **se morfondaiem**... Havia mais de uma semana que todo o mundo confabulava sobre o proximo acontecimento, preparando-se para as refregas espirituaes, que se annunciavam palpitantes. Como no Brasil tudo se faz á ultima hora, a delegação brasileira não podia fugir á regra: chegavamos de improviso, quasi inesperadamente, sem termos recebido o plano geral dos trabalhos, sem termos tido tempo de traçar uma orientação de conjunto, sem bem sabermos o que iamós fazer. Já se encontravam os outros na cidade, confortavelmente, saporosamente ambientados, tendo permanecido em contacto diuturno com os organizadores do certamen, perfeitamente senhores do desdobramento ulterior de um programma que estavam fartos de conhecer nos seus minimos detalhes.

Se a representação brasileira tivesse passado despercebida, estas considerações poderiam ser levadas á conta de uma desculpa á nossa inefficiencia. Mas conseguimos fazer sentir eloquentemente a nossa presença. Falámos bastante — Claudio de Souza achava que estavamos falando demais — o nosso desembaraço e, porque não dizel-o, a nossa audacia suppriam a falta de preparo anterior. Não houve sessão em que um representante brasileiro não fizesse uso da palavra. E tenho a impressão, pelo menos na parte que me toca pessoalmente, de que atropelámos algumas vezes as discussões e deixámos desorientado o presidente da assembléa. Não sei se Emil Ludwig me perdoará a impertinencia com que exigi a palavra, na abertura da sessão a que elle presidia, e falei, com o que me revoltava contra um systema de trabalho que me parecia descabida e arbitrariamente estabelecido, destruindo assim uma regra sibyllina, imposta de vespera para a marcha dos debates.

Desde a primeira sessão ficou em todos a desconfiança de que a delegação de um grande paiz, delegação numerosa

e luzidissima, chamara a si o duro e ingrato papel de assessor da assembléa, mostrando-se disposta a pastorear-nos, com benevolencia, se nos mostrassemos **bons enfants**, disciplinados e **sages**, e energicamente, se não quizessemos sujeitar-nos á sua sabia orientação. Ora, de todos os papeis que me possam ser distribuidos pelas circumstancias, um dos que mais me repugnam é o de ovelha. Resolvi pois ser a má ovelha, que foge do aprisco, alvoroça o rebanho e desnor-teia o pegureiro. Felizmente, não fiquei sózinho e o Congresso, que se annunciava como uma reunião burocratica e **paisible**, de homens sossegados e de uma linha impecavel, cheios de seriedade e convicção, amantes da prudencia e cultores das meias tintas, com grau dez em comportamento e applicação optima, foi o que devia ser: uma assembléa de homens de espirito, que se moviam livremente e livremente discreteavam, expondo e defendendo resolutamente os seus pontos de vista, com a maior independencia.

O encanto daquelle ambiente residia sobretudo na presença luminosa das mulheres. Numerosas, agitando-se nervosamente no recinto da assembléa, com um brilho de intelligencia no olhar, tiravam ás reuniões esse character de aborrecimento bocejante, de cumprimento fastidioso e irremediavel de uma missão, que se nota nas conferencias em que só ha marmanjos. Pertenciam ás delegações da India, do Chile, da Argentina, dos Estados Unidos, da Inglaterra, da Escocia, da Hollanda e outras.

Um dos representantes japonezes usava saia, isto é, exhibia um kimono, traje pinturesco e espectacular, que deixava numa immensa inferioridade os nossos burguezissimos paletós, estandardizados pela moda, que só parece ter uma preocupação, e essa estúpida: tirar aos povos as suas características, fazer desaparecer da terra a graça, o bom gosto, a fantasia. O kimono do nosso orientárrimo collega, á primeira vista, podia dar logar a equívocos: mas bastava uma simples inspecção physionomica do seu possuidor para convencer de que o impe-

rio do Sol Nascente não enviara ao Congresso nenhuma delegada...

Maria Flora Yañez de Echeverria: lindo nome sonoro esse, de uma delegada official do Chile, vice-presidente do Pen Club do seu paiz. Nome substituido em literatura pelo de Mari Yan, que eu já tanto conhecia através de “Mundo em sombra” — “historia de los que no tienen historia”, e dessa deliciosa novella “El abrazo de la tierra”. Mari Yan é alegre, simples, cortez. E’ elegante. E’ bonita. Senhorial, sem nada fazer por isso. Porque é modesta, modestissima. Parece preocupada em esbater-se na penumbra. Vê-se que não quer chamar attenção. Encontrava-se naturalmente classificada, na botanica sentimental, entre as “Flores de Sombra”...

Maria Luiza Van Uchelen é o nome de uma talentosa representante da Hollanda. Alta. Muito magra, o que ha de moderno em materia de linhas. Sempre risonha, encantadora. — Que lindos dentes tem a delegada hollandeza! Justissima observação de Afranio Peixoto.

Sem ser delegada official, frequentava assiduamente as sessões — Delfina Bunge de Gálvez, esposa de Manuel Gálvez, fundador do Pen Club argentino e um dos mais famosos romancistas de lingua hespanhola. Madame Gálvez é também escriptora de larga projecção e ostenta numerosa bagagem literaria. Profundamente religiosa. O seu livro — “Las imágenes del infinito”, premio municipal de 1922, traz, na portada, o psalmo 115: “Creí, por eso hablé”.

A offerenda impressa também eloquentemente assignala os sentimentos da autora:

“A la memoria de mi hermano Carlos Octavio Bunge, cuya muerte cristiana llenó mi alma de consuelo”.

Da senhora de Gálvez recebi uma prova do nobre espirito de solidariedade humana que a anima: surpreendendo a pouca solidez das minhas convicções religiosas e desejando dar ao meu espirito atribulado essa tranquillidade, essa segurança que talvez só possa a nossa alma encontrar nas regiões serenas da Fé, sitio privilegiado, posto ao abrigo das torturas da Pesquisa, dos embates lancinantes da

Razão, tentou, ajudada por seu illustre marido, a tarefa herculea de converter-me.

— Alma de missionario, abrasada nos ardores de uma fé inabalavel, bemdita sejas tu! E que Deus te pague a caridade com que quizeste, inutilmente embora, derramar no meu coração impermeavel o balsamo da tua crença consoladora!

Ha espiritos empedernidos que desanimam os proprios apóstolos, tão affeitos á dureza de alma dos infieis: offerecendo-me o livro acima, alto repositório de pensamentos christãos, assim começa a escriptora a dedicatoria com que me honrou: “A Christovam de Camargo, le mando este libro con cierto descorazonamiento”...

Será o meu caso inteiramente perdido?

Numerosos livros tem publicado Del-fina Bunge de Gálvez. Em todos elles, com seu estilo claro e harmonioso, dá-se inteira a escriptora á defesa dos seus ideaes. Nota-se a tendencia pronunciada do seu temperamento para o jogo das idéas. Espirito combativo, entrega-se com ardor á luta pelos principios que adoptou,

que formam o corpo de doutrinas director da sua vida moral. O espiritalismo christão ahi se apresenta contribuindo como elemento precipuo ao equilibrio da sua formosa alma de mulher.

A senhora Emil Ludwig, cuja distincção a sociedade carioca pôde apreciar, embora delegada official, preferiu manter-se alheia aos debates, contentando-se em compartilhar a gloria que acompanhava o seu glorioso marido.

A senhora Georges Duhamel e a senhora Bolander, esposa do delegado sueco, installadas na galeria de honra, situada por trás das bancadas officiaes, acompanhavam apaixonadamente as diversas peripecias do recinto. Mostravam um interesse muito vivo pelas idéas em choque, e era na sua palavra animadora que muitos de nós iam buscar um incentivo nas refregas em que nos empenhávamos. Quando eu acabava de discursar, nunca deixava de ir procurar através da sua critica, aliás sempre benevolente, a impressão causada.

Havia uma representante, creio que americana, poetisa e directora de uma revista de poesias, sympathica, na respeitabilidade dos seus cem annos, pequenina, engelhada, mirrada. Puro exercito de salvação. Só falava inglez, como geralmente os delegados de paizes dessa lingua, o que a deixava, quasi todo o dia, num melancolico isolamento. (1)

E' terrivel essa gente de fala ingleza! Não ha meio de fazer com que aprenda os idiomas estrangeiros. Cacareja inglez, e só o seu inglez, na Inglaterra, nos Estados Unidos, no Brasil, na Dinamarca e no polo. Quem quizer que a entenda — argentino ou chinez, branco, preto ou pinguim...

A maior parte do limitadissimo, precioso tempo das sessões era perdida na traducção dos discursos, das indicações, dos simples apartes. Tudo era traduzido para o hespanhol, francez e inglez, quando bastava, como idioma official, o hespanhol, naturalmente, uma vez que o Congresso se reunia em Buenos Aires, e

(1) Posteriormente foi annunciada a morte dessa velhinha, que se desprende da terra crendo que os homens ainda criam na poesia...

que, como concessão, fossem os discursos traduzidos também para o francez, lingua que todo escriptor que se preza e sae da sua casa a viajar deve obrigatoriamente entender e falar. Mas não senhor: era forçada a traducção para o inglez, sem o que grande parte dos congressistas ficaria inteiramente alheia a tudo que se passava. O que nos valia ainda era a extraordinaria capacidade synthetizadora do sr. Orzábal Quintana, traductor official, essa fantastica organização de polyglotta, cujos resumos, nos tres idiomas citados, focalizavam, com clareza meridiana, o pensamento dos oradores.

Encerrando esta adoravel galeria de mulheres intellectuaes, falemos agora de Sofia Wadia, que tanta sensação produziu no seio do Congresso.

Sophia Wadia vem da India, que não chamarei aqui longinqua, nem mysteriosa, como é costume: as distancias desapareceram com o aeroplano e os mysterios vão cedendo ao atropelo das nossas investigações audaciosas. Sophia Wadia vem apenas da India, que é ali a dois passos. Traz ao Congresso mensagens de

Gandhi e de Tagore. E faz-se acompanhar de uma irmã, que tem um nomezinho sonoro e poetico: Itabai, ou Dita Bai, nem sei bem. Ambas são jovens, bonitas, desembaraçadas e instruidas. Sophia fala muito, pede a palavra a todo proposito. E Itabai acompanha da tribuna dos convidados, nervosamente, o desenrolar dos debates. Vê-se que professa dedicação entranhada pela outra, e soffre ao vel-a dissertar no meio de tantos cavalheiros importantes. Não vá a irmãzinha não dar conta do recado!

Sophia Wadia fala inglez, naturalmente. E fala um francez purissimo. E fala um hespanhol sem o menor sotaque estrangeiro. Discursa indifferentemente nos tres idiomas. Fala, ademais, hindú e sanscrito. Só não fala portuguez, porque isso tambem já seria o cumulo. Todos a applaudem, todos lhe querem. E' sympathica, é alegre, conversa para a direita e para a esquerda, sabe brincar, sabe sorrir. Usa trajes caracteristicos: um grande manto, que lhe cobre a cabecinha voluntariosa e se estende até os pés. E' uma visão da Biblia. Parece a Samaritana. Só lhe falta a amphora em que esta deu de

beber a Jesus. A pureza de linhas do seu perfil fez que alguém a comparasse a Nossa Senhora. Muitos collares, muitas pulseiras. O pézinho nú solto na sandalia chibante. Arrasta a sandalia ahi, morena! Não me lembro se foi o presidente do Pen Club do Brasil quem se saiu com esta... Sophia não compreendeu, mas achou graça. E sorriu, como sempre fazia. Um encanto de menina.

Voltando ao pézinho nú solto na sandalia — era um pézinho que se podia ver. Meudo, apesar de se ter desenvolvido normalmente, rosado, sem o menor vicio de conformação, perfeito. As elegantes do occidente usam uns sapatos que são bonitos, não ha duvida. Mas isso é apenas a fachada; internamente, que desolação! Porque ninguem poderá olhar, sem lagrimas, para uns pobres pés torturados, quando libertos dos sapatos que lhes encobrem as deformidades, os aleijões que elles mesmos produziram. Escravas da moda, essa tyranna estúpida e cruel, as nossas mulheres tudo lhe sacrificam: commodidade, saude, a propria belleza. A moda, minhas senhoras, é uma triste servidão. Não se baseia na

esthetica, não se baseia na hygiene: tem como unica finalidade o lucro de quem a explora. Vossas excellencias usam sapatos apertados e de salto alto, que lhes arruinam os pés e alteram a saude, e são responsaveis por terriveis desequilibrios e enfermidades, unicamente porque andam por ahi uns senhores que conseguiram ganhar dinheiro fabricando sapatos. Nós não nos vestimos, não nos alimentamos, não nos divertimos, não vivemos, em uma palavra, de conformidade com o que indica a sciencia, com o que pediria a arte, com o que solicitam as nossas inclinações naturaes, mas sim e sempre de accordo com as exigencias da industria. A industria allia-se á moda; assenhoreiam-se ambas da reclame e ahi temos nós, publico pagante, sugestionado e oprimido, tudo sacrificando para cumprir os seus decretos. Feliz a India millenaria e sabia, paiz politicamente vassallo mas onde os homens são moralmente livres, e conseguiram eximir-se ao delirio da industria interesseira e assassina. Felizes as mulheres da India, que sabem conservar os seus costumes tradicionaes, saudaveis e bellos, sobrepondo-se ás injun-

ções dos mercadores occidentaes, rapaces e hypocritas, e que não cortam o cabello nem “fazem” as sobranceiras, e não se espartilham, não jogam bridge, desconhecem o flirt, não fumam, não tomam alcool, alimentam-se racionalmente e são mais bellas, mais fortes, mais elegantes, mais sadias, mais alegres, têm um encanto mais subtil que as suas irmãs do occidente, pobres bonecas que uma monstruosa civilização materialista, baseada exclusivamente na concorrência e no lucro, desarticulou e empobreceu de graças.

Estas considerações, altamente philosophicas, como todos podem ver, acudiam-me ao observar a attracção exercida por Sophia Wadia e sua irmã entre os diversos congressistas e o publico que accorria ás sessões. Todos lhes queriam e todos as respeitavam. Ninguem se atreveria a dirigir-lhes um desses galanteios amaneirados e sedícios que a nossa fatuidade de homens, geralmente mal educados, julga irresistiveis. Os sentimentos que nos inspiravam eram puramente fraternos, de uma doce e vigilante fraternidade. Todos as applaudiamos, todos acompanhavamos com sympathia os seus

triumphos, todos as amparavamos, todos gostaríamos de poder protegê-las. Sem nada exigir em troca. Parece incrível, mas era assim.

Sophia Wadia foi a nota sensacional do Congresso. Será que para tanto haja contribuído mais a sua graça feminina que propriamente a sua actuação intellectual? E' possível. Nesse grande livro — “El Embrujo de Sevilla”, Carlos Reyles, membro da delegação uruguaia ao Congresso, deixa um dos seus personagens em situação identica, indeciso, nessa mesma duvida. São dois amigos que conversam, acompanhando a surpreendente procição, fecho das solennidades religiosas que deixam Sevilha, durante alguns dias, inteiramente transtornada:

— Y dígame usted, maestro, por qué será que a mí me dicen más, me hablan más al alma las Virgenes que los Cristos? Será por el aquel de que son hembras?

— Eso debe de ser — respondió Cuenca, sonriendo.

No hay nada que hacer, o eterno feminino sempre nos dominará. Em nenhuma circumstancia logramos furtar-nos ao seu imperio.

Nesse dialogo dos personagens de Carlos Reyles ha um apparente desrespeito ás coisas da religião. Mas é só apparente. Embora não venha muito a proposito, sinto prazer em occupar-me ainda um pouco dessa obra, que tanta impressão me causou, apesar de conhecer a opinião de Karl Vossler, que vê no livro "a fantasia sensual dos post-romanticos francezes" e acha ahi tudo convencional, uma Hespanha de encommenda, um folklorismo preparado com olho no turista, que não admitte ruas limpas e industrias prosperas (isso é muito bom lá na sua terra, delle) e faz questão de que tudo continue como ha um seculo. O que elle quer é côr local, que diabo! Depois, Carlos Reyles era nosso companheiro e, falando no seu maravilhoso romance, não fujo á finalidade destas notas, que é tratar do Congresso dos Pen Clubs.

E' preciso ler esse trabalho. e ficar conhecendo os costumes andaluzes, para sentir todo o sabor, todo o pinturesco do curto dialogo aqui citado.

A procissão de Sevilha é mais que uma simples festa religiosa: é o delirio collectivo de uma cidade supersticiosa e

fanatica; apaixonada e ardente pelo sangue arabe que ali circula nas veias dos seus habitantes; cidade cheia de luz, cheia de sons, cheia de côr, cujo sol embriaga como um vinho forte e em cuja atmosphaera circulam fluidos feiticeiros, sortilegios e encantamentos, "embrujos", que exaltam, desnorteiam e enlouquecem.

Cidade religiosa e pagã, mystica e **effrontée**, com uma "alma torturada y gozadora, ulcerada y florida", onde "cru-cifijo y puñal" se entrelaçam, como "un símbolo de la vieja España"...

Ali Deus não é pae ou juiz, não é mesmo deus, é um companheiro, apenas de mais idade, influente e cheio de recursos, a quem se pede tudo, a quem se importuna com mil exigencias e a quem tambem, ás vezes, se diz muito desaforo grosso... E Nossa Senhora é uma rapariga sympathica, mais do que em nenhuma outra parte a "Maria cheia de graça", mas graça profana, de extraordinaria influencia no céu, com quem é conveniente manter boas relações, muito festejada, muito querida, permittindo certa familiaridade de linguagem, certas confianças, que, aliás, não destroem o respeito e veneração que a to-

dos inspira. Vejamos como se lhe dirige um devoto.

Lá se desdobra, imponente e fantástica, a procissão, entrecortada de cantos e gritos, de ais e suspiros, de pedidos formulados aos berros, de bramidos de peitos oppressos, de imprecações lancinantes e barbaras. Todo o drama pungente da dor humana, que nesses dias rebenta dos corações entumecidos e se espraia pela cidade em ondas de afflicção.

“Y siguieron desfilando los fantasmas de puntiagudos capirotos y ojos misteriosos, hasta que a su vez, deslumbrante de luces, perlas, oros y preciosa pedrería, atravesó la plaza y se detuvo en la calle la Virgen del Mayor Dolor. El cuello, que se doblaba bajo el peso de la estupenda corona, el pecho, las manos y hasta parte del vestido aparecían cubiertos de sartas de perlas, collares de diamantes, cruces de esmeraldas, zafiros y rubíes; sortijas, prendedores y dijes. Los terciopelos y las telas riquísimas desaparecían bajo los bordados de oro, y los bordados de oro bajo las refulgentes alhajas; y aquel lujo profano, aquel alar-

de de asiática riqueza, lejos de ensombrecer, suspendía a la muchedumbre, que admiraba más que el rostro, el boato y el rumbo de la Virgen. Toda ella parecía una joya en el estuche suntuoso del palio. Y tornaron a oírse los arpegios, los trinos y los gorjeos fundidos en rítmica algarrabía. Los dardos sonoros partían de todas partes. Algunas personas que no podían cantarle a la Imagen, le hablaban. Parado en el borde de la acera, con una botella de Cazalla colgada del cuello, un chulillo escandaloso, que apenas podía sostenerse en pie, la contemplaba sonriendo como un serafín. De su boca procaz brotaban palabras dulces; de sus ojos revueltos miradas tiernísimas. Gorrilla en mano, ajeno a lo que pasaba a su alrededor, le decía:

— Qué **saeta** te cantarías ahora mismo, maresita mía, si no estuviera **curda**...! Y qué requetebonita vas, lucerito der alba, pimpoyo der cielo, rosa der Paraíso...! Yo no puedo ofrecerte más que mi **jumera**, pero a güena voluntad no me la gana ni el mismo Dió! Por eso la cogí gorda, pero gorda! Cada uno hace lo que pue, verdad, reina der mundo? Hasta que

vuelvas a salir el año que viene no lo cataré. Por la devoción que te tengo, no me esampares, maresita der alma, maresita mía...!

“La Virgen se alejaba, y él seguía hablándole y saludándola con la gorrilla”.

Delicioso povo sevilhano! Que esse Deus, tão teu camarada, que essa Virgem, que tanto te quer e a quem sabes dirigir-te com tanta graça e tanto salero, te protejam sempre, te livrem dos teus ferozes inimigos e permittam que possas assistir, todos os annos, a essas procissões, sem as quaes não poderias viver!

Levam-me irresistivelmente essas paginas de Reyles a falar nos grandes romances sulamericanos, que dão honra e lustre a esta gente nova, ainda muito chegada á natureza... Embora custe crer aos europeus, já somos algo mais que uma selva immensa, pontilhada de escassas povoações, rareada, isso sim, aqui e ali, por immensas pastagens, onde pasce um gado luzidio, que luta com os cafezaes, os trigaes, as cannavieiras e os carnaubaes, a mineração e o garimpo, na representação da personalidade de um continente.

E, a proposito, cheguei, este anno, de Buenos Aires, desolado com a pouca sciencia que por lá verifiquei existir dos nossos homens de letras e dos nossos livros.

Visitando amiúde a trepidante capital portenha, nunca, como agora, e agora nem sei bem por que circumstancias, senti o isolamento espiritual em que nos encontramos, mau grado todos os pro-

testos de amizade e mutua compreensão que passaram a ser o **leit motiv** das cancellarias perdidas nestes vastos desertos meridionaes.

Nas cidades que ouriçam as duas margens do Prata, só se fala no Corcovado, no Pão de Assucar, em Copacabana. Sabe-se, ali, que cultivamos optimas laranjas, que vivemos de exportar café, que as nossas canções carnavalescas são saltitantes e, ultimamente, aprenderam aquelles povos que o cavalheiro refestelado na "casa de gobierno" se chama Don Getulio Vargas e estereotypa nos labios um sorriso perenne e encantador.

Provavelmente ignorarão que tal sorriso, perigoso na sua estudada ingenuidade, é um abysmo em que muito boa gente se tem despenhado de forma irremissivel.

Dos nossos escriptores, dos nossos artistas, ignora-se tudo naquellas espheras, a não ser, por acaso, um ou outro autor e um ou outro livro.

Como compensação a esse nada lisonjeiro estado de coisas, somos tambem, por aqui, geralmente, de uma candura adoravel no que diz respeito a tudo quan-

to se escreve do outro lado das fronteiras.

Familiarizamo-nos com magnificas mediocridades européas, sobretudo francezas, e ignoramos que vizinhos nossos têm produzido obras de succo e fibra, que podem honrosamente emparelhar com o que de melhor se ha escripto no mundo.

Desde o batidissimo Anatole France, que conhecemos de todos os geitos e modos, até “en pantoufles” — esse extraordinario heroe do convencionalismo, genio amaneirado, acatitado, cuja obra, acepilhada, brunida, envernizada, não nos fala tanto á nossa sensibilidade tropical, como o seu erotismo senil, as suas façanhas de velho gamenho, perseguidor de tudo quanto era saia, guloso de midinettes, como o seu patricio Victor Hugo o era de creadinhas de servir, até o aguardo Bourget e esse incrivel Marcel Prévost, talvez mais lidos e queridos entre nós que um Daudet, um Flaubert, um Maupassant.

Gozamos quanto patifinho a França atira “aux métis de là-bas” e provavelmente nunca lemos esse estupendo “Do-

ña Bárbara”, do venezuelano Rómulo Gallegos, já na sua nona edição, livro masculino, em que a vida despejada dos campos de criação apparece, empolgante, aos nossos olhos, com as suas asperezas, essas velhas intrigas entre fazendeiros rivaes, os crimes a que dão lugar a emulação, o orgulho, a cobiça num meio impoliciado e rude; com a gloria dos rodeos, em que se joga a vida a cada minuto e a alegria animal das brutas cavalgadas; nunca ouvimos falar em “La Vorágine”, novella colombiana de José Eustasio Rivera, o drama pungentissimo dos seringueiros da Amazonia, livro que tão de perto nos toca, manuscriptos guardados “por el Cónsul de Colombia em Manáos”.

E’ inutil, para nós, que um Arguedas, em “Raza de bronce”, e um Jorge Icaza, em “Huasipungo”, nos pintem, com sangue, a tragedia do indio boliviano e equatoriano, espoliados e embrutecidos pelo egoismo e ferocidade do branco; que Reyless, nesse “El embrujo de Sevilla” e Edwards Bello, em “El chileno en Madrid”, saibam architecturar aos nossos olhos a Hespanha pinturesca, alada,

capitosa, das procissões e das touradas, da graça e da energia, da inteireza de animo, do orgulho patriótico, da generosidade e da bravura: tudo isso nos é inutil, porque nós, hypnotizados pelo que de bom e de mau, de melado e de forte nos impinja o boulevard, tudo fazemos por ignorar o magnifico esforço dos escriptores da America Latina.

Coisa curiosa deu-se commigo, e talvez se tenha dado com outros, em relação aos dois estudos, de Carlos Reyles e Edwards Bello: foram elles que me fizeram amar a Hespanha mais intensamente que os livros peninsulares, inclusive os de Blasco Ibañez; nelles encontro mais vibração, mais colorido, mais segurança descriptiva, mais vigor na evocação que nas obras dos romancistas hespanhoes.

Aqui ao lado, na Argentina, Ricardo Güiraldes, em "Don Segundo Sombra", diz-nos, com alma e fascinação, do poema da vida livre nas "sábanas" interminas, que nos dilatam os olhos até se perderem, ao longe, no horizonte inatingivel; lá, ao norte, o mexicano Azuela faz-nos trepidar com os entrechoques po-

liticos na sua patria, esquartejada por incessantes revoluções, terra que lá vae seguindo, dessangrada e aos arquejos, numa delirante busca de algo estavel, na dolorosa procura de si mesma; ali, nos Andes, em "Zurzulita", Mariano Latorre procura vingar a miseria inenarravel de tantos trabalhadores chilenos; o citado Edwards Bello fala-nos, com uma eloquencia que faz doer, na miseria do "roto" e, em "Los criollos en Paris", dá-nos um saborosissimo romance que nada fica a dever ao Eça, esse artista que nos penetrou o corpo até a medulla e o espirito até o subconsciente, nos acaricia os seios d'alma, é o companheiro de todas as horas da nossa imaginação, o dictador da nossa sensibilidade e tyranniza os escriptores principiantes com uma obsessão de pesadelo.

Ha, como vemos, por ahi, por essa America afóra, intelligencias plasticas e vontades bem temperadas que procuram traduzir em livros impereciveis os diversos actos desse drama de uma civilização que sae do chaos, atravessa a barbarie e vem aflorando á luz.

Que sabemos, por aqui, de tudo isso?

São, os mais celebres, livros como o de José Americo de Almeida, epopéas do solo e da gente, epico desdobrar de allucinações e delirios, torturas e heroismos obscuros, ansias da terra lacerada pelos cataclysmos, angustias do homem negado pela natureza e martyrizado pelo homem. Em "La VoráGINE", o ouro elastico dementa os filhos de Deus, transformando-os em filhos de Satan: e elles espezinham e matam, empenham o corpo e vendem a alma por um pouco de leite vegetal; em "A Bagaceira", o romance dos flagellados e dos escravos presos na senzala desse paraíso ironico em que se morre de fome, as gretas do chão pulverulento parecem vergões das chibatadas com que um algoz apocalypticó quer marcar o dorso da terra dadivosa e sensual. E o egoismo do homem faz de Chanaan o eito amaldiçoado, em que os parias se redimem, com a servidão e a morte, do crime de terem sede.

Dramas da terra intocada e rebelde, que dá tudo em demasia, mas não é equitativa, não sabe distribuir, e do homem, animal transformado pela Intelligencia na unica verdadeira féra da criação.

A sede combusta as entranhas; para enganar a fome, o corpo come-se a si mesmo: a autophagia é a ultima cartada do estomago que ainda quer resistir.

Nesse desespero, o "Amae-vos uns aos outros" passa a ser um mytho: a flor que primeiro o sol reseca é a flor da solidariedade humana, flor delicada, que não sabe sobrepor-se á inclemencia ambiente:

Eu não vou na sua casa,
Você não venha na minha,
Porque tem a boca grande,
Vem comer minha farinha...

Arrepiá-nos, nessas paginas rubras, a tragedia dos instinctos suffocados: a natureza luxuriosa impelle para o amor e o amor é um crime que se paga com a vida; e a superstição de um ponto de honra convencional, esterilizador de anseios divinos da sensibilidade e da carne, asphyxiador de impetos creadores, faz de cordeiros submissos a todas as tyrannias, contentes com todos os estygmas, monstros corsos, para quem a vingança é o supremo deleite, a esperada compensação, insubstituivel e unica, figuras

shakespeareanas, impulsionadas pelo latigo de fogo de uma maldição.

Livros eriçados e barbaros, — a alma da terra de haustos insolentes, ainda incontidos, e a psyche do homem que não consegue installar-se na gleba e arremette, fero e implacavel, mais contra o homem do que contra os elementos.

São os nossos livros.

Que temos de commum, nós, filhos de um continente que parece viver os dias do Genesis, com a literatura espartilhada de outras regiões, em que os surtos da seiva primitiva foram disciplinados em seculos de rude batalhar?

Dessa nossa indiferença pelas letras continentaes vinga-se soberbamente, como vimos, o publico hispano-americano, ignorando-nos sincera e meticulosamente, requintadamente, com uma volupia que toca ás raias do sadismo. Não preciso ir a Santiago ou Assumpção, subir a Quito, a Caracas ou a Bogotá: aqui a dois passos, em Montevidéu ou Buenos Aires, quando se fala nos grandes romances continentaes, saltam logo, ao

lado dos trabalhos de Reyles, Güiraldes e Larreta, — “La Vorágine”, “Doña Bárbara” e “Huasipungo”, narrativas que o argentino e o uruguayo, e naturalmente o peruano e os outros, lêem e re-lêem com ganas.

Arrisquei-me, ha pouco, a balbuciar nessas paragens o doce nome de “Innocencia”, e todo o mundo me olhou com a maior estranheza, achando provavelmente que innocencia era a minha em pensar que por ali existia uma alma penada que houvesse algum dia ouvido falar em tal historia, — apesar de contar esse livro algumas traducções hespanholas, cerca de seis, uma das quaes de autoria de um chefe de estado, o presidente Concha, da Colombia. Mas trata-se de trabalhos antigos, de edições naturalmente limitadas, sem nenhum amparo nosso e que se perderam no tumulto de tantas publicações, sem deixar rastros na memoria.

E’ pena que nada mais se haja feito nesse sentido, pois a primorosa novella de Taunay, no genero dos grandes livros telluricos do continente, um não encontra talvez que se lhe avanteje, dando-nos as-

sim a primazia no romance regional neste hemispherio.

Esse esforço por uma aproximação politica e intensificação do intercambio commercial que ultimamente vimos empreendendo não deixa de ser interessante, mas não são os politicos e os diplomatas, como não são os exportadores da rubiacea e os importadores de cereaes, nem mesmo os jogadores de football que farão o Brasil conhecido e amado na Argentina e a Argentina conhecida e amada entre nós. Dou a Argentina como exemplo, mas penso em todas as outras republicas do mundo colombiano.

A obra alambicada e convencional da diplomacia, por mais que façam os seus representantes, fará sempre muito pouco. Não é com a hypocrisia adocicada e a intelligencia hermetica dos embaixadores, não é com as gravatas vistosas e as polainas, monoculos e frisos impecaveis de calças dos secretariosinhos de legação que devemos contar para os milagres da paz indestructivel; da mesma sorte que não é pelos pés ou pelo estomago que os povos se approximam e aprendem a

estimar-se, graças a Deus! — mas pelo espirito.

Agora, como pode ser efficiente, nesse particular, o trabalho dos homens que, entre nós, vivem pelo espirito, se as suas expansões vão bater nessa muralha chinezidade do pensamento que cerca o Brasil em todas as suas fronteiras?

Não levo a minha ingenuidade ao ponto de exigir que as nossas embaixadas e legações se transformem em vesperas de poetas e romancistas, mais ou menos candidatos a substituir os immortaes da Academia que a morte enviar para o astral. Compreendo as prementes necessidades economicas actuaes e a urgencia de fazermos dos plenipotenciarios elementos de uma politica utilitaria, de escoamento dos nossos productos e conquista de novos mercados. Mas essa velha e carcomida diplomacia, tal como ainda a compreendemos, é uma pomposa e caricata inutilidade: está longe de constituir um agente de ligação intellectual e soem mostrar os seus componentes uma ignorancia astronomica, que só pode ser mensurada em annos-luz, em

tudo quanto se refira ás necessidades do nosso intercambio commercial.

Um diplomata moderno, sobretudo desses a serem enviados ás nações vizinhas, unicas no seio das quaes podemos alimentar esperanças de ter algum prestigio, deve possuir uma organização complexa: ser um estudioso de questões economicas, sem nem por isso se sentir refractario ás letras, — conhecer o ambiente literario e artistico da sua terra, sendo capaz de comprehender que nem só de pão vive o homem.

Voltando a essa deploravel carencia de projecção internacional da nossa literatura, ninguem conhece “Innocencia”, ahi por essa America afóra, nem as obras de Alencar, nem Aluizio Azevedo, nem os prosadores nem os poetas, nem os novos nem os velhos, nem os antigos nem os modernos, nem nada!

Poderão perguntar-me, dada a frequencia com que jornameio pelas orilhas do estuario de Solís, o que tenho feito para dar a toda essa gente hispanica uma noção da nossa vida espiritual, uma vez que me sinto deprimido com a terrifica ignorancia observada. Ora, não me

canso de escrever na imprensa platina sobre coisas nossas, não me acanho de importunar as platéas portenhas com dissertações sobre assumptos brasileiros. Mas um nome ou um titulo de livro fizado num jornal ou ouvido numa conferencia fica logo esquecido. O que pode fazer um escriptor ou orador, sobretudo agindo isoladamente, é insignificante, é quasi nada. Falar de livros e autores pouco representa: tudo está em collocar os nossos livros ao alcance do leitor daquellas bandas, traduzidos em hespanhol, se possivel. Afinal, não está no meu gosto e feitio fundar uma livraria editora em Buenos Aires, nem posso levar o meu desinteresse e dedicação ás letras ao ponto de me empenhar numa cruzada literaria consistente em pagar traductores de livros indigenas. Um trabalho efficiente só está em condições de ser levado a cabo por um editor que tenha algum amor ás letras, commerciante para quem o livro seja mercadoria que mereça o mesmo carinho que, a outros, a batata ingleza ou a sardinha em lata, e por um governo em cujo seio haja alguém que tenha ini-

ciativa e não seja inimigo acerrimo das coisas da intelligencia.

Emquanto não apparecer esse editor e esse governo, os nossos livros serão tão conhecidos entre os "irmãos" do continente como os poetas da Groelandia ou os novellistas da Zambezia.

Sem duvida, ha sempre, lá por fóra, uma vaga idéa, nos circulos strictamente intellectuaes, de que um vago sujeito escreveu uma coisa vaga, chamada "Os Sertoos" (sem til), e de que Matchado de Assis era mais que chefe de secção de um ministerio qualquer.

E é só.

O idioma portuguez é pouco accessivel ao filho da America hespanhola: mas não reside ahi o grande obstaculo, senão no que acabo de dizer e faço questão de repetir: no absoluto desinteresse do governo pelas coisas do espirito e na displiencia dos nossos ineffaveis editores.

O governo não se importa **un comino** que os nossos homens de pensamento sejam conhecidos lá fóra; raramente se lembra de um intellectual para os postos diplomaticos ou de representação em congressos internacionaes e, quando o

faz, é porque consegue esquecer-se de que o escolhido é um homem de letras.

Quanto aos editores, sei que algumas livrarias de Buenos Aires se têm cansado de pedir que lhes enviem livros brasileiros: nunca conseguiram receber a menor resposta.

Os devoradores platinos de papel impresso acabariam lendo os nossos livros, mesmo independentemente de tradução, mas tudo estaria em encontral-os por lá. No dia em que nas livrarias da calle Florida apparecesse um volume consignado pelos editores brasileiros, talvez se produzisse uma commoção scismica na cidade.

A differença de idioma, sem ser, como vemos, o obstaculo maximo, representa, ainda assim, uma difficuldade tremenda. Octavio Mangabeira, com a sua clara intelligencia e uma visão lucida dos problemas da nossa expansão, procurou remover essa difficuldade, com o que a outra apontada tambem desappareceria, facilitando ao saudoso Villaespesa a tradução de livros brasileiros. O poeta bohemio, com aquella incrível e paradoxal capacidade de trabalho que para mim

ainda é um mysterio, passou “inmejorablemente” para o seu idioma (segundo opinião de autores traduzidos e segundo pude verificar pessoalmente com algumas coisas minhas) paginas que dariam fartas dezenas de volumes, a serem editados na Hespanha e espelhados por ahi, por todo esse mundo de fala castelhana. Tudo dependia de ser essa empresa gigantesca patrocinada pelo governo, que para a mesma contribuiria com pequena ajuda pecuniaria, como estava acontecendo. Com a saida de Mangabeira do ministerio, caiu por terra e ahi ficará não sei por quanto tempo, talvez para todo sempre, o sonho impossivel de sermos conhecidos lá fóra pela unica coisa que honra verdadeiramente os homens: o espirito.

A representante hindú no recinto da assembléa apparecia envolta num halo de mysterio. A correcção com que se exprimia em inglez e francez era perfeitamente explicavel; mas aquelle hespanhol tão puro, que usava com o maior desembaraço e sem o menor sotaque, dava que pensar. De repente, surgiu a revelação esclarecedora, atordoante! Sophia nada tinha de indiana, nascera na Colombia! Cruzavam os commentarios, a sua personalidade tornava-se cada vez mais interessante, agora que apparecia temperada com um sabor de aventura. Era colombiana, falava sanscrito, levava na fronte o sello dos predestinados orientaes e representava a India num congresso internacional! Encerrada a conferencia, quando ella já havia partido de volta, as indiscrições de um jornalista transformaram em certeza aquillo que era apenas murmurado pelos mais abelhudos, não muito seguros do que “tinham ouvido dizer”.

Sophia era colombiana! Sophia tinha por avô materno a Pedro José Sarmiento,

chefe politico colombiano, morto no campo de batalha! Sophia nascera Camacho, pois era filha de um senhor Abel Camacho!

E a tunica grega, sobre a qual fluctua aquelle manto que lhe cobre a cabeça e cae pelas espaduas em ondas caprichosas, e as sandalias, e a insignia vermelha, e tudo mais que lhe imprimia aquelle character exotico, de tanto sabor? A familia Camacho viajava muito; as duas meninas, Sophia e Clara, empenhavam-se em serios estudos de philosophia oriental e, numa sociedade theosophica, encontraram um dia um principe hindú, que se enamorara de Sophia e a recebera por esposa.

Passando a residir na India, a joven theosophista acabara identificando-se com os usos da terra; tornara-se uma authentica princeza hindú, esquecendo-se da sua origem, do seu berço americano.

Verdade ou lenda ou, mais certo, alguma coisa de verdade com muita de lenda, a personalidade de Sophia Wadia deixou em Buenos Aires um traço indelivel da sua passagem.

Abramos um parenthesis na reportagem das sessões do Congresso. Convem, antes de proseguirmos, uma nota preliminar. Notinha elucidativa, que deixará mais ou menos syntonizados articulista e leitor.

Pen Club, ou Club da Penna. P. E. N. — iniciaes dos cultores dos diversos generos literarios: P. — playwrighters (escriptores theatraes) e poetas; E. — editores (no sentido de publicistas) e N. — novellistas.

Fazia-se necessaria esta explicação. Apesar de se terem abundantamente occupado os jornaes, durante um mez inteiro, dos Pen Clubs, suas pompas e suas obras, a cada passo encontro um amigo que me pergunta: — “E’ verdade, soube que você andou lá por Buenos Aires, num congresso, representando um tal de Pen Club, ou não sei que... Afinal, que historia é essa de Pen Club?”

Todos sabem, o forte da nossa gente não é propriamente a leitura. Que se ha

de fazer, meu Deus! Assim, revisto-me de paciência e, pela millesima vez, agora por escripto, e em letra de fôrma, esclareço o que é — essa historia de Pen Club...

Foi pouco depois da conflagração, em 1921, que uma escriptora ingleza, a senhora Dawson Scott, impressionada com os odios, as prevenções, as desconfianças que separavam homens e nações, como consequencia da guerra, resolveu fundar uma associação que tivesse por fim unir, num só pensamento de fraternidade, os escriptores de todo o mundo. A sua iniciativa teve um exito quiçá inesperado. E hoje, quinze annos após, existem cerca de sessenta clubs da penna espalhados por todo o orbe, — em Paris e no Cairo, em Nova York e em Milão, em Cape Town e em Sophia, em Berlim, em Bucarest, em Tokio, em Calcuttá... Gremios entrelaçados numa federação cujas autoridades dirigentes fazem estagio em Londres, séde do Club inicial.

O recente congresso de Buenos Aires foi a decima quarta reunião internacional promovida pela Federação.

O anno passado, Claudio de Souza, aguilhoado pelo Demonio do Empreendimento e da Acção, que nunca o deixa tranquillo, convocou alguns escriptores e fundou o Pen Club do Brasil, para o qual foi eleito presidente, já tendo accorrido a filiar-se a essa instituição cerca de cem profissionaes da penna.

Ahi está, creio que deixo assim satisfeita a lisonjeira curiosidade dos meus patricios. E os amigos ficam doravante prohibidos de perguntar-me — que historia é essa de Pen Club.

Nos dias que correm, mais do que nunca, são os Pen Clubs chamados a exercer as suas funcções de congregadores dos homens de todo o mundo que manejam uma penna e publicam livros. Um nacionalismo feroz separa os povos e ameaça atiral-os uns contra os outros numa guerra que será a subversão de toda a ordem social. Escriptores do mundo, uni-vos! E trabalhae para apaziguar esses odios, para que continuemos como até aqui, se bem que torturados pelos problemas da paz, livres, em todo caso, da grande tortura inconcebivel da nova guerra

universal, que desgraçadamente já se avizinha.

Ando longe de combater o nacionalismo. O mundo está dividido em patrias e cada um que se esforce para que a sua patria seja grande, seja forte, seja prospera, seja feliz. Mas é preciso não confundir, como se está fazendo, nacionalismo com odio ao estrangeiro.

Será a influencia do direito romano nesta terra de juristas que nos põe assim de alcatéa contra o alienigena? Os romanos, da mesma forma que os athenienses, negavam ao estrangeiro todo e qualquer direito. Faziam julgar os que delinquiavam por um magistrado especial, o **praetor peregrinus**, prohibia-o de commerciar, de herdar, de testar, até de casar, irra! Collocava-o abaixo dos escravos... Mas, que diabo, isso já vae longe, e seria um pouco forte revivermos agora essa mentalidade. Que a nossa volupia de tudo imitar nos faça absorver como esponjas os maiores dispauterios dos contemporaneos, vá lá! Mas não levemos o nosso furor de despersonalização ao ponto de ir espojar-nos em cinzas veneraveis de dois mil annos!

Vôvô Indio reivindica para o Brasil o direito de viver por si, de dirigir elle mesmo as suas coisas, de se libertar do estrangeiro que o tyrannize pela força ou queira dominal-o pela astucia: que se imponha pela brutalidade das armas ou se insinue pela sugestão do dinheiro. "Independencia ou morte!" não é, para Vôvô Indio, uma pagina da historia patria que leu e deixou atrás: é a synthese de um evangelho de luz em que elle vae diariamente haurir forças para manter-se erecto e sobranceiro.

Por isso Vôvô Indio, que é a alma da terra brasileira, proclama a necessidade de uma politica desanuviada e varonil, estimuladora das energias nacionaes, fomentadora de iniciativas uteis, creadora de riqueza — uma politica que selecione as competencias, combata os displi-centes, destrua os exploradores e faça do Brasil o que elle deve ser — uma patria immensa.

Mas Vôvô Indio não é xenophobo. Como ama a sua terra e sente o fetichismo de tudo que é seu, acha que os outros têm direito de pensar e sentir da mesma maneira e, fazendo tudo pela sua patria,

respeita as patrias alheias. Sabe que não pode viver isolado, que o mundo é uma grande commuhão de patrias que se devem estimar e ajudar entre si. Vôvô Indio procura contribuir, no que lhe é possível, para que as outras nações sejam felizes e exige que as outras nações não impeçam a sua felicidade, antes, forneçam, para tanto, o seu contingente de boa vontade.

Vôvô Indio é tão patriota e tão nacionalista que se rebella energicamente contra esse funesto espirito de imitação que nos faz caudatarios de outros povos. Repelle, pois, com todas as suas forças, os regimens extremistas, que estão arrastando o mundo a um tragico destino, regimens que aqui não se acclimatam, que são contrarios á nossa indole e para os quaes estamos sendo arrastados por essa desgraçada mania de tudo copiar. Nem o internacionalismo desvirilizante das esquerdas, nem o nacionalismo intempestivo e ignaro das direitas. Que nos deixem tranquillos, e acabaremos saindo, por nós mesmos, do cipoal em que vivemos emmaranhados por nossa falta de juizo.

Porque isso de internar-se um sujeito obstinadamente dentro do circulo de uma doutrina constitue a mais flagrante negação da intelligencia. Quando só a intelligencia salva. E a falta de intelligencia produz essa intolerancia e esse fanatismo que estão promovendo a separação dos homens entre si, todas as desconfianças, todos os odios.

Esquerdistas e direitistas andam distribuindo antolhos pela humanidade, afim de que, presos aos seus varaes, só possamos ver em frente e seguir a linha que nos foi traçada. Ao revés, deve o homem olhar para um lado e para outro, abraçando o horizonte em toda sua amplitude. Intelligencia, isto é — raciocinio, espirito de critica, livre exame. Compreensão. Cifra-se tudo em compreender e fazer compreender. Só pela compreensão somos homens.

Não se trata de substituir um regimen por outro, nada adeanta promover uma sarabanda de rotulos — direita e esquerda, communismo e fascismo, nacional-socialismo, republica liberal e monarchia, democracia e dictadura. Pouco importa alterar a forma de governo: o que

é preciso é mudar a mentalidade dos homens. Tudo vae bem quando os que dirigem são intelligentes, honestos e energeticos. E a simples modificação dos regimens não pode realizar o milagre de dar aos homens intelligencia, honestidade e energia.

Os partidos da direita, que se jactam de um nacionalismo intransigente, são, na verdade, desintegradores do sentimento nacionalista, uma vez que não crearam nada por si, que não se organizaram com uma mentalidade autonoma, mas estão cegamente macaqueando o que fazem outras nações.

Ser nacionalista é resolver os problemas com um criterio nitidamente nacional, dentro das necessidades e das possibilidades regionaes.

Ha uma nação européa que se debate em tremendas complicações raciaes. Não a ataco nem a defendo: desinteresse-me simplesmente da questão, por não ter vagar para encaral-a de frente. Aliás, cada um sabe onde lhe aperta o sapato. Agora nós, que nunca nos mettemos em brigas por essas questões de côr, forma de nariz ou grau do angulo facial, que

incorporámos á nossa economia todos os sangues e pigmentos do planeta e resolvemos naturalmente o problema do indio e do negro, com uma habilidade e uma intelligencia que aos outros povos sempre causaram pasmo, não temos nada que ver com as perseguições que determinada nação haja por bem desencadear.

Onde está o nacionalismo de quem, por imitar servilmente a uma nação estrangeira, quer fomentar no Brasil o odio de raças? Estamos em condições de crear o typo racial do brasileiro puro? Ora, fi- quem quietos, não me façam rir!

Se entrarmos nessa questão, como querem certos “patriotas”, não poderemos fazer as coisas pela metade. Assim, nada de sangue indio, nada de sangue negro. Comnosco é só no aryanismo... E rua com essas pallidezes de ambar, sus- peitissimas. Uma vez que temos tanto orgulho em imitar, imitemos direito. Pois muito bem: parece que contamos 46 mi- lhões de habitantes; agora, digam-me — para que planeta expulsariamos 45 milhões de creaturas?...

Vamos rechassar o estrangeiro... por espirito de imitação do estrangeiro! Pa-

radoxalísimos senhores, piedade para com o bom senso!

Os Estados Unidos, com uma densidade de população que lhe permite desenvolver intensamente as suas riquezas, resolveram crear oportunas e sabias restricções á immigração. Embora ainda não tenham gente de mais, já receberam e radicaram ao solo quanta se fazia mister a valorizar os seus recursos latentes. Nós, com as nossas cidades desertas e os nossos campos despovoados, teimamos em fazer a mesma coisa, teimamos em fazer peor: e a Constituição consagrou dispositivos em virtude dos quaes o estrangeiro é considerado um inimigo perigoso, cuja entrada devemos acintosamente prohibir.

Os resultados dessa incrível politica anti-immigratoria foram ha pouco luminosamente expostos num jornal, que contra essa imbecilidade systematizada se insurge com a contundencia de argumentos irrespondiveis: São Paulo, o meu dynamico Estado, não se pode deter na vertigem do seu progresso, que é o que ainda faz com que o Brasil seja tomado a serio lá fóra; precisa de braços e de mais bra-

ços, para os seus campos e para as suas usinas; e, não havendo como trazel-os do exterior, porque a sapiencia dos nossos constituintes conseguiu crystallizar na lei magna a nossa hysteria chovinista, vae buscar-os em outros Estados, principalmente no septentrião. As difficuldades paulistas estão longe de ficar integralmente sanadas, uma vez que o braço nacional não chega para satisfazer a fome de produzir do Estado bandeirante, e o norte vê aggravar-se dia a dia a sua crise endemica, com o exodo das populações sertanejas rumo aos vergeis de Piratininga.

Dahi, o despeito, a magua das provincias cuja gleba foi desprezada, e o afrouxamento dos laços federativos como consequencia.

Vôvô Indio, com o nobre nacionalismo que o caracteriza, está longe de ser chovinista. Elle abre o mappa do continente e pergunta: qual, entre os nossos irmãos da America, o que a todos nós leva a palma? A resposta é dada por qualquer garoto alumno de escola primaria: os Estados Unidos, principalmente porque souberam, como nenhum outro

paiz, attrair o capital e o braço estrangeiro. Qual o mais rico dos paizes latinos do Novo Mundo? A Argentina, porque soube dar as maiores garantias e facilidades ao estrangeiro, que para ali pressuroso afflue, com a sua juventude, a sua ansia de trabalho, as suas esperanças, ou a sua visão esclarecida, a sua capacidade organizadora e o seu dinheiro.

Qual a região do paiz que pelo seu trabalho, pela sua riqueza, pela sua cultura, pela sua potencia, em summa, constitue a gloria mais pura da nacionalidade? São Paulo, porque teve o senso de incentivar, antes de qualquer outro Estado, as correntes immigratorias estrangeiras.

Vôvô Indio fecha o mappa, maneia melancolicamente a cabeça e conclue: "Esses patricios que andam por ahi com fumos de racistas não sabem onde têm o nariz; pensarem em ser mais nacionalista do que eu, é quererem ensinar o padre-nosso ao vigario; eu, que sou o legitimo dono da terra, não me encarniço contra o branco que daqui me expulsou. Vejo como tinha razão em espoliar-me

do que era meu, que eu não tinha capacidade para valorizar; se faço questão de viver, não é para afastar o estrangeiro ou combatel-o; é apenas para lembrar aos meus netos que devem professar pelo solo generoso em que nasceram um entranhado amor.

“Que eu seja conservado simplesmente como um symbolo romantico da terra americana. Que vejam apenas em mim, não só o Brasil, como todos os povos do Novo Mundo, a sombra protectora, guarda vigilante da sua independencia. Que eu seja, se quizerem, um elemento de differenciação dos velhos continentes carcomidos, um como santo e senha para que entre sí se identifiquem as jovens nações colombianas, que não conhecem odios e estão vendo nascer do seu seio uma humanidade melhor.

“Só assim poderemos realizar aqui, no Brasil, obra nossa, formar uma civilização pujante na sua originalidade. Evitemos imitar obtusamente o alienigena, sobretudo no que elle tem de mau, mas procuremos attrail-o, para que venha ajudar-nos a construir uma patria radiosa. Sem elle nada poderemos fazer. Chame-

mol-o, não para que se apresente a impor-nos a sua mentalidade, que somos e queremos ser sempre essencialmente americanos, mas apenas para que se aliste a trabalhar dentro das nossas directrizes soberanas. Se formos fortes, absorvel-emos, como faz a America do Norte, como faz a Argentina. Incorporado á nossa vida, adaptado ao nosso meio, longe de desnacionalizar-nos, soffrerá o influxo da nossa brasilidade victoriosa; ir-lhe-emos pouco a pouco cortando as amarras que o prendam espiritualmente ao seu berço de origem ou aos seus exclusivismos raciaes, e elle acabará por ser um bom brasileiro, empregando todas as suas energias para maior grandeza de um torrão que passará a ser o seu torrão: **ubi bene, ibi patria.**”

Retomemos os assumptos da reunião de Buenos Aires.

A natural seducção feminina de Sophia Wadia muito contribuiu, por certo, para os seus exitos no Congresso. Houve quem affirmasse que tudo provinha daquella indumentaria typica... Era o seu encanto pessoal e, sobretudo, a sua roupa, garantiam os perfidos, que transformavam a representante hindú no ponto de convergencia de todas as atenções.

Claudio de Souza dizia a Mario Puccini:

— Talvez vá o anno que vem ao Congresso, em Roma. Quando os diversos delegados descerem na estação, você verá entre elles um magnifico beduino: serei eu!

Quanto a mim, o indumento está naturalmente indicado: de Vôvô Indio... Claudio de beduino, eu de Vôvô Indio. Se Sophia Wadia por lá apparecer, dará de cara com dois formidaveis concorrentes na caça á popularidade.

E Afranio Peixoto, de que se fantasiará? Lá está elle, numa roda. Approxi-mo-me e noto uma porção de ouvidos at-tentos. Afranio conta "casos" e deslum-bra. Aquella encantadora facundia, que faz do romancista um dos nossos grandes **causeurs**, traz os presentes embevecidos. — Con estos brasileños nadie puede! diz um delegado colombiano.

— Don Peiçoto, usted tiene que ir a Santiago, a dar conferencias! implora Mari Yan.

Sophia e Itabai ostentam, bem no meio da testa, um confetti vermelho: symbolo da percepção interior de que são dotadas, explicam-me. Não posso deixar de sorrir. Por que exhibir exte-riormente o signal de uma percepção que é toda interior?

Trata-se de um costume muito espa-lhado na peninsula hindustanica. Essa gente hindú, tão ensimesmada, tão ab-sorvida pela chamma que lhe corroe inti-mamente o coração, tem uma fraqueza inconcebivel: de que se saiba, no exte-rior, que lá dentro, bem no fundo da alma, muita coisa seria está acontecendo.

O proprio Gandhi, antes de ir a Londres á conferencia da Tavola Redonda, fez-se photographar apresentando, no mesmo sitio do confetti vermelho das irmãs Wadia, uma complicada insignia pintalgada de vermelhão, formada de raizes e petalas de flores. Isso tudo para significar o ardor com que iria defender perante o governo de Jorge VI as reivindicações nacionalistas da sua terra.

O dr. Kalidas Nag, da universidade de Calcutta, é o companheiro de representação de Sophia. Estão a vel-o aqui de turbante, não? Pois enganam-se: o dr. Kalidas Nag veste como qualquer um de nós e não traz na frente a rodelinha sangrenta da percepção interior. Será então que as roupagens abigarradas e exóticas das irmãs Wadia faziam parte de um plano, bem calculado, de sensacionalismo? Não creio: deve tratar-se de uma vestimenta que lhes é habitual.

Sophia Wadia é philosopha: foi como tal que se apresentou aos jornalistas que a procuraram.

E, no seio do Congresso, sempre traiu sua predilecção por esse genero de pesquisas. E' um apostolo da philosophia e

da religião da India. Mas qual será essa philosophia e essa religião da patria de Gandhi e de Tagore, — o agitador nacionalista, temivel na doçura do seu sorriso ethereo e desdentado, e cuja carcassa de valetudinario é uma perpetua ameaça, e o suave poeta mystico, cuja voz é um canto de deslumbramento ante as harmonias do Eterno?

“Com a ponta da asa largamente aberta do meu cantico, roço teus pés, que nunca esperei poder alcançar.

“Bebedo da alegria de cantar, esqueço-me de mim mesmo e chamo-te amigo, a ti, que és o meu senhor!”

Como dar uma synthese dessa philosophia hindú que tentou introduzir nas paixões que se desencadeavam no Congresso uma palavra de harmonia e de paz? As difficuldades surgem de entrada, uma vez que na India existem diversas religiões e philosophias, uma vez que os 350 milhões de habitantes da peninsula hindustanica adoptam as mais descontraçadas concepções philosophicas e

se dividem e subdividem em myriades de religiões, seitas e credos.

A India, que é a mãe das linguas, tambem o é das religiões e das philosophias. Antes de Moysés e de Abrahão, antes que a Esphinge surgisse no caminho de Thebas a devorar os viandantes refractarios ás charadas, e antes que as Pyramides começassem a receber no seu seio os mortalissimos despojos dos reis immortaes, já os entendidos nas coisas do além fundavam na India as suas escolas.

E talvez seja pelo orgulho dessa maternidade que os hindús se enredam numa variedade allucinante de idiomas e professam, elles sós, mais religiões e philosophias que todos os outros povos reunidos.

Agora, dizem os interpretes desse confusionismo dialectal, cultural e philosophico que essas philosophias e religiões têm sempre uma base commum, não passando, todas ellas, de simples ramos de um mesmo tronco.

Vemos ahi, para começar, a religião chamada propriamente hindú, orthodoxa. Encontramos, depois, o buddhismo; va-

mos passando pelo mahometismo e pela theosophia, por innumeradas religiões outras: a escola de Sankhya, fundada por um senhor Kapila, cuja problematica existencia situam cerca de sete seculos antes de Christo; a do creador da Yoga, Patanjali, tambem anterior á nossa era, uns duzentos annos etc., etc. Mas, apesar dessa apparencia de ramos destacados e autonomos e dos differentes rotulos que ostentam, estribam-se invariavelmente essas crenças nos mesmos principios fundamentaes, offerecendo uma origem commum. Desde a mais elevada e subtil espiritualidade, até as mais grosseiras superstições, um fetichismo abjecto, com a divinização phallica, o culto do Diabo, uma variedade de torpes cerimoniaes que deixam a perder de vista as mais extravagantes praticas dos amerindios? Parece...

Ha entre nós uma grande ignorancia de tudo isso, e se os proprios hindús nem sempre se entendem, como não será enorme a confusão reinante fóra da India no que diz respeito a todas essas religiões, costumes e philosophias! O que mais conhecemos da terra lendaria dos occul-

tistas é o fakir, e temos a impressão de ser este um legitimo representante da religião hindú, uma especie de sacerdote: confundimol-o com o **Yogi** e o **Sannyasin**, verdadeiros "adeptos", estes. O termo arabe **Fakir** significa mendigo, ao passo que o termo sanscritico **Yogi** quer dizer "unido a Deus". Os hindús fazem questão de distinguir: o **Yogi** é um iniciado, ao passo que o **Fakir** não passa, as mais das vezes, de um prestidigitador de feira.

Que o saibamos de uma vez para sempre!

Se quizermos minucias outras, é só consultarmos os 150.000 manuscriptos da Bibliotheca do Departamento da India, em Londres, manuscriptos redigidos em pali, arabe, persa, sanscrito. etc. Ahi poderemos saborear, entre immensa copia de maravilhas, um hymno á divindade, gravado nas cinco paginas de um livro todo de ferro, unico no mundo.

O traço fundamental da philosophia hindú é a investigação pertinaz das coisas da outra vida, investigação que chegou a uma acuidade que nós, occidentaes, nem podemos compreender. E', no orien-

te, muito menor, do que entre nós, a separação entre o visível e o invisível...

Para a mentalidade oriental, o mundo habitado pela especie, como ensinava Gautama, é pura illusão (**Maya**), pois que apparece e desaparece, surge e morre, brota e em pouco se decompõe e perece. Sendo a unica realidade "real" a vida nos planos espirituaes, essas espheras invisiveis de onde tudo se origina, para as quaes tendemos em definitivo e cujo conhecimento deve constituir a suprema aspiração da nossa mente.

Assim, o mundo phenomenal abrange simples formas mutaveis; escondido atrás dessas apparencias é que se encontra o Substancial, a Verdade immutavel e unica.

Emquanto o occidente se compraz em perquirir os dominios da Physica, mergulha o oriente nos arcanos da Metaphysica. Assim se explica como podem os occidentaes, — poucos, ignorantes, com a mente presa dentro de um circulo de estreitissimas limitações, dominar o enxame de orientaes, innumerados como esses grãos de farinha luminosa da Via

Lactea e possuidores de poderes psychicos que assombram.

Emquanto o hindú conquista um novo principio universal, o europeu ou americano procura duplicar o rendimento dos teares e reduzir a dois terços as distancias, por uma modificação introduzida nos motores de explosão. As meditações de um "swami" fazem com que elle dê mais um passo na sua approximação da divindade: o allemão ou russo, nesse mesmo tempo, descobre um novo typo de canhão que lhe permite augmentar enormemente o alcance dos projectis. O inglez constroe um frigorifico monstro ou lança ao mar um novo navio-cidade, e manda dizer ao hindú comedor de arroz e que se locomove em navios a vela, que a emancipação prégada por alguns chefes é uma impertinencia que merece cadeia e açoite.

São 49 milhões de europeus insulares, são 350 milhões de asiaticos peninsulares. O insular ronca, bate o pé e agita a chibata. O peninsular curva-se e sorri. Assim mesmo, quando Gandhi deixa as têtas da cabra que sempre o acompanha e agita displicentemente o bastão, o Im-

perio de Albion estremece nos seus fundamentos. Mas é só por um instante: ha um verdadeiro sobresalto, o patrão fica uns dias encontrando menos refrigerante o grape-fruit e mais aspero o sabor do "cavallo branco", mas tudo retorna, felizmente, áquelle confortavel equilibrio tão necessario á perfeita digestão do toucinho com ovos.

O esforço de Gandhi, cabeça unico, pode dizer-se, dos grandes movimentos renovadores na peninsula, nestes ultimos annos, é um poema de fé, de tenacidade, de bravura, de desprendimento de tudo pelo ideal de independencia do seu grande povo, pae das civilizações.

Ainda se o tenacissimo leader tivesse conseguido a unanimidade entre os indigenas na campanha desatada que move ao usurpador, a sua luta tomaria o cunho de uma reivindicação nacional, veriamos uma immensa massa homogenea que se precipitaria com uma irresistibilidade de tornado; e os invasores teriam que **se replier**, cheios de angustia, aos rochedos inaccessiveis da sua ilha. Mas o obstaculo maior talvez seja encontrado entre os seus compatriotas: a resis-

tencia passiva de multidões embrutecidas, em cujo seio não é possível accender a labareda emancipadora; e a hostilidade daquelles que o chefe quer desalojar da cidadella de preconceitos millenarios.

Não trepida Gandhi em collocar-se ao lado das classes desherdadas, levando o seu espirito de solidariedade humana a preoccupar-se até com a sorte dos "intocaveis", seres cuja presença constitue para os que se installaram no cume da sociedade, os "nascidos duas vezes", uma profanação.

Só quem conheça a rigidez cruel da separação de castas na India poderá compreender a bravura que representa a attitude do chefe insurgindo-se contra um preconceito com o qual, já no seculo XVII, era forçado a transigir Gregorio VI e com o qual os buddhistas sempre contemporizaram.

Os proprios inglezes dominadores, que conseguiram acabar com o "suttee", instituição em virtude da qual as viúvas eram queimadas vivas juntamente com os restos do esposo, curvaram-se ante a superstição que condemna uma classe ao desprezo universal.

Digamos, **grosso modo**, que as philosophias da India se entroncam todas em tres principios, tidos como axiomaticos: primeiro, que do nada, nada se pode extrair, de sorte que o que existe agora sempre ha existido; depois, que o que é, não pode desaparecer, apenas muda de forma (nada se cria, nada se perde); finalmente, que tudo se processa num universo de causa e effeito, e que a unica realidade é um principio universal, do que tudo mais não passa de simples manifestação.

Ha alguns annos vêm sendo vulgarizados no occidente os postulados basicos dessas religiões, que autores americanos procuram interpretar e tornar accessiveis á mente preguiçosa dos occidentaes. E muitos dentre estes não escondem a sua admiração pelo grau de adeantamento espiritual a que chegaram os hindús.

Um escriptor inglez, Monier Williams, diz que os hindús já eram spinozitas dois mil annos antes de Spinoza, e darwinianos seculos antes do apparecimento de Darwin... Victor Cousin proclama a vantagem da philosophia hindú sobre as mais arrojadas concepções do genio

occidental. Max Müller vê na philosophia monistica da Vedanta a fonte suprema da verdade, garantindo que Platão, Kant e Hegel têm que curvar-se ante esse monumento imperecível da sabedoria humana.

E o proprio Schopenhauer encontrava grande conforto moral no estudo dos Upanishads, livros sagrados da India. Isso não é de admirar, quando ha quem affirme que Schopenhauer e Hartmann não passam de simples plagiarios das idéas de Kapila, concepções philosophicas systematizadas no mais antigo corpo de doutrinas de que ha memoria.

Ninguem ignora que o pensamento philosophico da Grecia recebeu inequívocos influxos da mente hindú, não sendo difficil verificar como Platão, através de Pythagoras, vae beber nesse mesmo Kapila, no systema chamado Sankhya, os principios que expõe.

Muitos annos antes de nascer Pythagoras (cuja existencia é o que ha de duvidoso), já abundavam os pythagoricos ás margens do Ganges...

Emfim, os partidarios das centenas de theologias e cultos que existem na In-

dia parecem estar todos de accordo no seguinte: este mundo é um simples effeito, a causa está do outro lado do tumulo. Os occidentaes que fiquem, como creanças, brincando com os effeitos, e constroem a sua civilização mecnica, que traz em si mesma o germen da destruição. Elles, os hindús, de bom grado lhes abandonam o mundo phenomenal, uma vez que todas as suas preocupações se dirigem para o centro, onde se encontram as causas eternas e immutaveis, isto é — Deus.

As doutrinas orientaes, á primeira vista, podem fascinar, sobretudo quando nos inteiramos dos seus desdobramentos: o poder incontrastavel do espirito; a força do pensamento; a conquista do eu individual pelo dominio da sub-consciencia; todos os nossos actos submettidos a uma lei eterna de causa e effeito; a responsabilidade pessoal primando tudo, de tal arte que pode o homem ser o architecto do proprio destino.

Ha quem se sinta deslumbrado pelas doutrinas esotericas das religiões hindús: mas um estudo desapassionado fará comprehender o artificial, o arbitrario, o

convencional dessas theorias. Um exame frio fará espadanar da mente esse amontoado de doutrinas, sem nenhum assento na realidade, especiosas, contradictorias, divididas em uma multidão de subreligiões que procuram destruir-se entre si, baseadas cada uma nas phobias dos respectivos sacerdotes, no delirio dos illuminados.

Com o snobismo espalhafatoso das suas tendencias de reformador, Marinetti, esse materialião impenitente, impertinente e aggressivo, enclausurado dentro das muralhas da sua monomania mecanicista, e Sophia Wadia, theorica inimiga do progresso occidental, apostolo da vida contemplativa, com a sua doçura mystica de sacerdotiza de Buddha, espeelho e padrão da mais alta espiritualidade, formavam os dois polos do Congresso. Mas, como os extremos ás vezes se encontram, appareciam ambos com a mesma preocupação exhibicionista, o mesmo fervor com que cultuavam a popularidade. Marinetti, já sabemos, faz do cabotinismo o seu meio de vida, e Sophia Wadia... Sophia Wadia era mulher. Tudo lhe será perdoado! Não havia o que não servisse de pretexto para que um delles pedisse a palayra, e os applausos das galerias constituiam um nectar que ambos saboreavam com igual volupia. E, comprehendendo a capacidade selecciona-

dora da roupa no animo do publico, mais operante que a força distinctiva da intelligencia, um e outro trajavam de maneira que facilmente retinham a attenção: a indiana o indumento typico da sua terra, e o estouvado arauto do fascismo o eterno "costume" azeitona de paletó cinto, com que figurava nas sessões do Congresso e comparecia a todas as festas. Não o abandonou nem para ir á Casa Rosada, ao almoço com que nos brindou o presidente Justo. Entendiam-se ambos em materia de toilette, embora fundamentalmente divergissem no terreno dos principios.

A impressão causada pelas roupagens invulgares, luxuosas e ricas de matizes de Sophia Wadia, pela presença radiosa dessa trefega embaixadora da India, não encontrava parelha na influencia exercida pelas suas idéas entre as diversas figuras que se reuniam na sala de sessões do sumptuoso Concejo Deliberante da cidade de Buenos Aires. Sentiamo-nos suggestionados pelas suas tunicas abigarradas e contradictavamos as suas opiniões, nem sempre palpitantes de novidade. Os seus companheiros de assem-

bléa, os homens, esses monstros, achavam-na adoravel como mulher, mas não a tomavam muito a serio como philospho. E as suas orações eram sempre discutidas com uma **sans-façon** que muito depõe contra o cavalheirismo daquelles congressistas, que estabeleciam uma distincção demasiado nitida entre a graça feminina, dominadora, da indiana, e as theses de que se fazia advogado. Theses escarpelladas com a mesma desenvoltura que se fossem defendidas pelo teimoso, desageitado e hirsuto senhor Crémieux.

Num discurso, longo e **bien tourné**, dirige Sophia Wadia um ataque á civilização do occidente materialista. Rebel-la-se contra a machina, creatura que acaba escravizando o seu creador. Levanta-se Marinetti e canta as glorias da “civilização mecanica”. Já num dos seus livros, esposa o leader do futurismo “**l'idéa della bellezza meccanica**”; ahi entrevê, no machinista a lavar amorosamente a sua locomotiva, um sentimental, empenhado nas “**tenerezze minuziose e sapienti di un amante che accarezzi la sua donna adorata**”... E annuncia “la

prossima scoperta delle leggi di una vera sensibilità delle macchine”.

Na defesa da sua querida machina, evoluia o delegado italiano num terreno facil, por elle sobejamente explorado e conhecido. E acabou fazendo com que a sua adversaria cedesse: não fossem as machinas, proclamou, — os vapores velocissimos, as estradas de ferro, os automoveis, a graciosa e illustre representante da India não teria vindo tão rapidamente e tão commodamente da sua patria longinqua até á cidade em que se reuniam e que se sentia deslumbrada com a sua presença! Tivesse-o feito, por coherencia com os seus principios, no dorso de um camelo e no bojo de um barquinho a vela, ou de uma galera impellida pelo esforço muscular de remadores, como antes que a malsinada “civilização mecanica” tivesse feito irrupção no mundo, e provavelmente o Congresso não teria a honra e o prazer de ouvir a sua palavra.

Em outra sessão levanta-se Sophia Wadia e insurge-se contra o que ella chama “a immoralidade em literatura”. E propõe uma moção contra os escriptos pecaminosos, contra essa literatura dis-

solvente, preocupada com os sentidos, que vive excitando os homens, arrastando-os a prazeres condemnavéis. Quer uma literatura de bons costumes, correcta, sem palavras cruas ou expressões ambíguas, uma literatura espartilhada, de vestido comprido, mangas até os pulsos e que não se decote nem para ir aos bailes. Uma literatura que não se arrisque a apparecer por Copacabana em trajés de banho. Assistiamos, pela boca da publica representante indiana, ao triumpho de Delly, de Ardel, de Florence Barclay, de Henry Bordeaux. E á irremissivel condemnação de Balzac, de Zola, de Flaubert, de Maupassant, de Eça de Queiroz, de Anatole France, de Olavo Bilac. Presenciavamos a subida vertiginosa das cotações, no mercado da intelligencia, da "bibliothèque rose", dos "livres choisis pour les jeunes filles sages" . . .

Pede a palavra Marinetti — sempre esse homem fatal! e protesta veementemente. Não ha duvida que cumpre desmascarar a immoralidade expressamente procurada como meio de attrair os faredores de espectaculos malsãos. Está de accordo em condemnar a pornographia.

Mas dahi a exigir que a policia de costumes mande um inspector fiscalizar os caminhos da arte e prender as imagens que não tragam salvo-conducto da "Liga pela moralidade das familias", as idéas partidarias do nudismo, as expressões arrojadas, as palavras que exprimam o drama dos sentidos, vae um abysmo. A representante da India parecia querer insurgir-se contra as sagradas leis da propagação da especie... E transformar o amor, que é naturalmente extase, arrebatamento, paixão, num sentimento burocratico e comedido, disciplinado dentro de um circulo rigido, obediente a regras severas dictadas por homens experimentados e que hajam dado provas de uma nobre resistencia ás tentações, de indiferença ante as diabolicas sugestões do encanto feminino.

Não digo que Marinetti se haja manifestado por essas palavras. Apenas resumo o seu pensamento. Os termos que elle textualmente empregou, finalizando a sua contestação, foram de "amor carnal", affirmando ser este digno de todo respeito e poder servir, decentissimamente, a motivos de arte, sendo infantil ten-

tar proscreevel-o da literatura, uma vez que nelle encontravamos uma fonte inexaurível de inspiração e belleza.

Ante a crueza dessa expressão — amor carnal, os membros da delegação brasileira, homens morigerados e acima de qualquer suspeita, baixaram pudicamente as palpebras... A sympathica Sophia Wadia não sabia onde metter-se, quando se levantou o belga Piérard e disse brutalmente protestar, com todas as veras, contra essa "dictature de la pudibonderie" que a India queria impor aos escriptores através da palavra da sua delegada. Tableau! E passámos a outro assumpto.

A boa fé, direi mesmo — uma certa ingenuidade, caracterizavam sempre os conceitos dos enviados da India. Kalidas Nag, que só falou na sessão final, preferiu, em inglez, um longo sermão buddhista, cheio de considerações moraes, repassado de espirito de solidariedade humana, de complacencia e ternura. E terminou de braços estendidos, abençoando o auditorio.

Soube depois que Maritain se insurgira contra esse final dramatico, recusando

do-se a aceitar a benção distribuida em nome do sorridente, impassivel e barri-gudissimo Gautama Buddha.

Sophia Wadia falou contra o delirio da mecanica que nos empolga, gritou contra a immoralidade em literatura, e riram-se della. Os hindús provavelmente não compreenderam ainda toda a refalsada malicia dos occidentaes, materialistas e scepticos, filhos de uma civilização que endeusou o dinheiro, ferozmente egoistas, desencantados de tudo e de todos, tendo encontrado na ironia a forma justa de expressar o estado da sua alma, desilludida e amargurada.

Em que pese á admiração e respeito que inspirava Sophia Wadia, as idéas expressas nos seus discursos acabavam no recinto como cordeiros entre feras. Ainda se sentiam no ambiente as resonancias da sua voz crystallina, e varios congressistas já se atiravam aos seus conceitos e os estraçalhavam com ganas.

Daquellas palestras harmoniosas, apenas permaneciam intactos a graça de um inglez, que tomava na boca da oradora tonalidades desconhecidas, a pure-

za do seu francez, claro, terso, preciso ou o seu hespanhol saboroso e cantante...

Era Marinetti quem quasi sempre se antepunha a essa pertinaz semeadora de concordia, em cuja frente se destacava o confetti vermelho, symbolo da percepção interior... esse Marinetti, que diviniza a machina, creou a "esthetica da velocidade" e empresta aos motores uma sensibilidade humana, quasi uma alma, que é partidario intransigente da guerra — **"sola igiene del mondo"**, e aconselhou, em livro, ao governo do seu paiz, a estabelecer no planeta o reinado do pan-italianismo, inaugurando uma politica exterior — **"cinica, astuta e aggressiva"**.

Entre as garras desse abutre, que sorte poderia encontrar a paloma de plumagem alvinitente que a Índia mandava ao Congresso como mensageira de amor e de paz? O proprio Jules Romain, que insidiosamente tentara inutilizar Marinetti, prendendo-o numa armadilha laboriosa e pacientemente preparada, teve que supportar, sem um pio, toda a contundencia da sua rhetorica truculenta. Foi nessa oportunidade que Sophia Wadia revelou ao Congresso as inesgotaveis

reservas de candura do seu espirito. Quando o representante italiano se debatia nas malhas da rede que lhe estendera a delegação franceza e era estigmatizada a sua preferencia pelas carnicinas como insubstituivel elemento de hygienização do ambiente internacional, o que tornava insustentavel a sua posição no seio de uma assembléa que pouco antes, com os applausos geraes, inclusive dos italianos, condemnara a guerra, — dirige-se Sophia Wadia ao seu adversario de todas as horas e diz-lhe: “Vimos pedir-lhe, “signor” Marinetti, com toda boa fé, com a maior pureza d’alma, sem o menor resquicio de **parti pris**, que o senhor renegue as publicações em que faz a apologia da guerra, se arrependa do que disse e mostre como está solidario comnosco na defesa dos supremos ideaes da paz!

Zweig e Ludwig eram evidentemente as duas curiosidades do Congresso. **Great attractions.** As **vedettes** daquelle espectáculo incommum. As **stars** daquelle cinema colorido. A ansia de ver de perto duas creaturas quasi mythologicas, como todos os artistas de fama, justificava as maiores imprudencias, impertinencias e audacias dos seus admiradores, incansaveis em perseguil-as.

Marinetti já era por demais conhecido e Duhamel e Maritain; duas notabilidades, cultivam um genero pouco accessivel ás massas.

Zweig e Ludwig estavam sós no tablado.

Foi preciso que os dias corressem para que Sophia Wadia, a mysteriosa princeza representante da India, começasse a fazer-lhes seria concorrência. Quando ella chegou, ninguem a conhecia, ninguem havia lido livros seus. Mas era mulher, tinha graça, era intelligente e exprimia-se correctamente em tres

idiomas. E vestia-se como ninguém se veste por estas bandas. Poz-se a falar, com uma linda voz. Abeirava-se de todos os assumptos, mettia-se em todas as discussões. Zweig não se importou: é um sujeito modesto, parecia querer passar despercebido. Creio que não havia snobismo no seu retraimento. Ludwig é que começou a impressionar-se. Era o diabo, aquillo; estavam prestando mais attenção á menina do que a elle! Começou a espevitar-se, metteu os pés pelas mãos. Não teve do que se arrepender, todo mundo pôde considerá-lo sem esforço o maior cabotino da conferencia.

A producção de ambos no seio do Congresso foi pequena, o que não deixou de causar certa decepção. Zweig pronunciou, ao apagar das luzes, um discursinho de saudação a Wells; Ludwig havia orado antes, atacando o regimen hitlerista. Boa oração, repassada de melancolia, melancolia de judeu exilado e perseguido, na qual, ás vezes, fuzilavam uns sarcasmos saborosos. Foi só. Ora, num congresso, o que o publico quer é que se fale. Bem ou mal. Ai daquelle que se mostrar discreto! Ludwig parece que não

conhecia isso. Demais, era a negação da oratoria. A sua conferencia na Academia Brasileira, que desastre, hein? Depois, a sua voz aflautada, de mulherzinha hysterica, e o seu francez de Tombouctou não lhe tornavam mui propicia a tribuna. Resultado: Sophia Wadia trouxe-o constantemente em xeque.

Stefan Zweig é modesto, modestissimo, humilde mesmo. Fala baixinho, quasi em surdina. Identificado com um charuto, que nunca abandona e parece sempre o mesmo, só o retira da boca para comer, tossir, espirrar ou dizer alguma palavra amavel. Zweig fala bem de todo o mundo, só sabe elogiar. Acaba sendo fastidioso e monotono. E' preferivel Ludwig, que fala sempre de si mesmo e, quando acontece falar de mais alguém, é só para fazer exercicios de ironia.

Com o seu typo de campeão de box aposentado, aquelle pescoço taurino, aquelle corpo pesadão e gordo, o seu gesto brusco, a palavra aspera, numa conversa sem continuação, feita aos arancos, Ludwig está longe de ser sympathico e attraente. Sua esposa, dona Elza, que sempre o acompanha e é o anjo tu-

telar daquella criança grande, caprichosa e mal criada, serve de traço de união entre o escriptor e seus admiradores.

Illuminada pelos ultimos raios de um esplendido sol outomnal, dona Elza, com os seus olhos maravilhosos, o seu sorriso bom, as suas maneiras refinadas, tem todas as características de uma grande dama.

Nascida na Africa, de mãe escoceza e pae allemão, ha trinta annos que habita a Suissa com seu marido, desde que se casou. As suas preocupações são repartidas entre os filhos, que lá ficaram, no lar creado no estrangeiro, e o marido, por quem demonstra o mais entranhado carinho e a mais profunda admiração.

Ludwig mostra-se grato:

— Não fôra minha mulher, não houvera chegado ao que cheguei, costuma dizer; e, podem acreditar-me, ella tem muito mais talento do que eu!

Zweig e Ludwig são amigos, mas nota-se que este cultiva uma rivalidade brincalhona em relação ao autor de "Amok". No passeio ao Tigre, ia o allemão na barca da frente e ali se soube que a embarcação seguinte, na qual pensava-

mos viajar o austriaco, havia encalhado. Falava-se mesmo em perigo de naufragio.

— Foi a pique o barco em que vinha Zweig? perguntou o outro. Que sorte! Assim ficarei sózinho no mundo, sem concorrente!

Desembarcámos numa das ilhas, onde nos esperava o chá. Grupos de moças e rapazes, que por ali espaírciam naquelle domingo cheio de sol, approximaram-se curiosos. “Onde está Zweig, quem é aqui Emil Ludwig?”

— Zweig, eil-o, disse Ludwig, podem vir e admirar-me!

Houve um momento de indecisão.

— Qual! duvidou uma mocinha, creio que este é Ludwig, conheço-o pelo retrato dos jornaes.

— Eu, Ludwig? Quem me dera! Mas, que hei de fazer, sou apenas Stefan Zweig!

Já ninguem queria acreditar:

“E’ Ludwig, é Ludwig!”

— Sinto muito, mas enganam-se. Ter escripto “Napoléon”, que sonho! Eu apenas pude alinhar “Marie Antoinette”...

Tendo Zweig ficado no hotel, Ludwig aproveitou.

Respondendo a Carlos Ibarguren, presidente do Congresso, que saudava, na sessão inaugural, as diversas delegações, falou Jules Romain em nome dos escriptores estrangeiros.

O discurso do representante francez, que empolgou o auditorio, causou a maior impressão na cidade. Foi, realmente, uma bella pagina literaria, cheia de idéas, escripta com coragem e proferida com altivez.

Agora, á distancia, lendo calmamente esse trabalho, posso o melhor aquilatar o que nelle se encontra em belleza de imagens e segurança de conceitos.

Jules Romain, que desagrada quando o ouvimos, ganha ao ser lido pelas costas...

Foi, pelo menos, o que se deu comigo. A sua presença era-me sobretudo antipathica. Mais baixo que alto, magro, rosto que seria de asceta, não fôra a sua tonalidade vermelha, pellancudo, como de um sujeito gordissimo que se tivesse

desinchado e agora a pelle, excessivamente estirada, se recusasse a encolher naturalmente.

Vestindo-se horrendamente mal, não que fosse desleixado, pois notava-se-lhe uma preocupação de minucias e arrebiques, exhibia o homenzinho uma elegancia **montmartroise** que lhe dava um ar perfeito de apache em villegiatura. Chapéu de feltro posto negligentemente de lado, traje de casimira de uma fantasia delirante, paletó de cinta e uns incriveis sapatos amarellos, lá ia o nosso heroe — serio, fechado, silencioso, grave, soturno, espalhando as pernas e gingando os quadris.

Do contraste entre a gravidade que queria imprimir á physionomia e o seu todo amalandrado de habitante dos morros cariocas, enfarpelado para uma festa de arraial, saía uma comicidade irresistivel. Era com esforço que me continha para não interromper com algum aparte fóra de tom os seus discursos **égrenés**, debulhados monotonamente, com uma vozinha aflautada, que o orador procurava tornar impressionante á força de fechar a cara e enrugar a testa.

O meu companheiro Claudio de Souza suava breu para impedir que me explodissem umas "boutades" sangrentas, que me ficavam rolando na boca, formando bochechas, desesperadas por se sentirem reduzidas pelas conveniencias ao melancolico papel de sem-trabalho...

Assim de longe, lendo e meditando as palavras do delegado francez, estas assumem o seu verdadeiro valor.

Não sei que fluidos circulavam na atmosphera do Congresso, ou que demonio brejeiro me havia tomado por sua conta, que eu via os meus companheiros, as suas pessoas e as suas idéas, através de um prisma que tudo deformava. A pressão das galerias electrizadas como antenas sensiveis e eram e inquietas como esquilos engaiolados, muito contribuia para collocar o ambiente num estado de excitação incoercivel.

Tudo isto, alliado a esta minha desgraçada conformação mental, que me leva sempre a focalizar o lado comico das coisas, fazia-me soffrer quando me via impossibilitado de explodir em apartes que revelassem o meu estado de espirito.

Pude observar que, em relação a todo o mundo, Jules Romains, interessante ao ser lido, perde oitenta por cento ao ser visto de perto, sobretudo ao ser ouvido. Pessimista orador, incapaz de improvisar duas frases com elegância, as suas idéas, filtradas através de uma vozinha de boneco de ventriloquo, descoloriam-se.

E só mesmo uma extraordinária receptividade da assistência pôde fazer que esta lograsse compreender a excel-situde do seu pensamento, descobrindo o metal precioso escondido pela grossa ganga quasi impenetravel.

Nada disse de novo e transcendente, o candidato posteriormente eleito presidente da Federação dos Pen Clubs, mas falou justo, com serenidade e, sobretudo, com bravura. Nesta época, em que no mundo uma preocupação domina qualquer outra — condicionar as idéas, encadear o pensamento, esmagar quem tenha algo a dizer e queira fazel-o com liberdade, a palavra do delegado francez ficou resoando como um grito de reivindicação da intelligencia que se tenta por todos os meios abafar.

Creio que foi Agrippino Grieco quem descobriu para o nosso publico que D'Annunzio, o sensitivo, D'Annunzio, o magico, se chamava, em realidade, Gaetano Rapagnetta...

Declaro-lhes, por minha vez, que Jules Romains se chama Louis Faragoule... e que isso não faça que o creador do "unanimismo" perca a justa admiração que lhe votam os nossos intellectuaes, é um dos meus anseios.

Com a publicação de "La Vie Unanime", desenvolve o autor a sua theoria do unanimismo, que tanta fama lhe vem grangeando.

Desde o começo do seculo, começou Jules Romains a chamar attenção para o que elle denomina — estados de consciencia collectiva, esse "delirio gregario" que colloca as multidões sob o imperio de verdadeiras rajadas de emoção.

O estado actual dos negocios do mundo vem mostrar a clarividencia do autor de "Knock", ao prevenir os homens de pensamento contra esse espirito de rebanho, que leva as massas a aceitar sem discussão tudo quanto lhes queiram impor leaders habeis ou fanatizados.

Ansiosas por encontrar quem por ellas pense, quem lhes mostre o caminho, quem as conduza sem lhes perguntar qual o itinerario que porventura prefeririam, ficam as multidões, trabalhadas pelo demonio do unanimismo, á mercê do primeiro esperto ou do primeiro thaumaturgo que saiba empolgal-as. Qual o remedio para o perigo universal que se encontra nessa inconsciencia collectiva? Cultivar a saudade de um individualismo pristino, que seria impossivel resuscitar? Não, o verdadeiro seria aceitar esse unanimismo fatal, irremediavel, e esclarecel-o, conduzil-o, arrancal-o da cegueira, do abysmo de intolerancia em que se amodorra e transformal-o, de instincto barbaro, num estado de consciencia consciente, se assim posso dizel-o, num unanimismo desentulhado pela intelligencia da montanha de cascalho sob a qual o esmagam, ventilado pelo exame e conduzido de olhos abertos.

Ahi está o papel da literatura, a missão do escriptor, — fazer que o publico se guie pela razão.

“Não ha literatura contra a liberdade, porque não ha literatura contra o espiri-

to” — foi a celebre phrase de Romain, que arrebatou a assistencia em Buenos Aires. “Quando, por um extravio passageiro, a literatura se pronuncia contra a liberdade, é contra si mesma que se pronuncia, e não tarda em purgar a sua culpa: languidece e morre, suffocada pelo abraço da servidão que ella mesma imprudentemente solicitou”. “Sonhamos com uma liberdade illuminada pelo espirito, — continuou, — a liberdade de todos illuminada pelo espirito dos melhores (o que está longe de se parecer com a dictadura do proletariado, penso eu), e por aquillo que o espirito dos melhores conseguiu despertar e fazer hamonicamente vibrar na alma de todos.”

Urge tratar da organização de um poder espiritual. E’ preciso combater todas as dictaduras, que jogam com o instincto dos homens, procuram conduzir pelo medo, fazem adormecer a razão, hypnotizam e embrutecem.

“O espirito repelle toda e qualquer dictadura — mesmo a sua propria dictadura”. “Assustar-me-ia até uma dictadura do pensamento”, exclama. Como demonstrou Christo — e é Romain quem

o chama em seu auxilio, — “o espirito só quer reinar pela virtude da adhesão livre e do amor. Não impõe silencio. A ninguem humilha, a ninguem de nada despoja. Procede por irradiação. E irradiar é tambem uma maneira de dar. E’ dar sem escolher expressamente o beneficiario. Sem fazer, por outro lado, que haja quem se sinta excluido”.

Assim falando, combatendo a guerra e exigindo para o homem uma illimitada liberdade de pensar, não se pôde entender Romaines com Marinetti. E attraiu, depois, as coleras da delegação italiana, aliás muito por imprudencia sua. Mas isto já é outra historia, como dizia Kipling. Historia que será contada a seguir.

O exito memoravel do discurso de Jules Romains na sessão inaugural do Congresso, discurso em que era fixada a absoluta necessidade de ser livre o escriptor na manifestação das suas idéas, é um indice de como os povos americanos repellem todas as compressões e querem trabalhar, dentro da ordem e da disciplina, mas num regimen que permitta a plena expansão da intelligencia individual.

O representante francez pugnava pela liberdade do espirito e combatia a guerra. Ora, diz o façanhudo Marinetti, rediz, affirma e garante sob palavra de honra e á fé da sua investidura academica: a guerra é — “la sola igiene del mondo”. E pede que ella seja glorificada: “Glorifichiamo la guerra!”

Seria difficil fazer com que ambos se entendessem... Ouçamos Romains: “Queremos a paz entre os homens porque, sem que jamais tenha havido uma discrepancia, é a paz o que nos vem ensinando,

desde o principio, as mais eloquentes vozes do espirito que se hão pronunciado na terra; e porque, á falta de taes ensinamentos, bastaria a experiencia para demonstrar que toda guerra entre homens deita por terra, não apenas as victimas corporaes, mas ainda esse grande ferido — o Espirito.”

Em uma das primeiras sessões ordinarias, pede Jules Romains seja encaminhada uma mensagem aos diversos governos do mundo, conclamando-os á manutenção da paz. Fala na guerra que se approxima, que nada resolverá, como nada resolveu a de 1914, antes aggravou as crises, tornou mais ferozes os odios existentes e serviu de prenuncio a novos embates, cada vez mais devastadores e crueis. Assim termina a sua proclamação:

“Emquanto é ainda tempo de ser evitado um supremo equivoco, os escriptores do mundo inteiro, com plena consciencia da sua missão, collocam os dirigentes da humanidade frente a frente com a sua responsabilidade historica; concitam as diversas opiniões publicas a que resistam aos incitamentos, partam de

onde partirem, compromettendo-se, por seu lado, a fazer tudo quanto lhes seja possível para ajudar a salvar a civilização, nosso patrimonio commum, de um desastre que desta vez seria definitivo.”

Este chamamento á ordem foi approvado por aclamação, sendo que os delegados italianos, com Marinetti á frente, não se mostraram dos menos entusiasmados nos applausos a tão sabia quão oportuna, e energica, e solenne advertencia.

Na segunda sessão desse mesmo dia, presidida essa por Marinetti, pede a palavra Romain para ler aos seus pares uma comunicação “da mais alta gravidade”. E mostra como Marinetti estava burlando a assembléa ao concordar com a mensagem approvada na sessão anterior, uma vez que circulava pelos corredores da casa uma revista, dirigida por esse mesmo ineffavel Marinetti, em que a guerra era considerada a unica hygiene do mundo etc., etc., um sem numero dessas costumeiras cerebrinas affirmações de todos conhecidas, sabidas e resabidas, velhas, balofas, inteiramente

passadistas e que nunca ninguém tomou a serio... fóra da Italia.

O ambiente foi-se tornando pesado e escuro. A assembléa se transformava num tribunal e todos os olhos se voltavam para a delegação italiana, collocada no banco dos réus...

O que paradoxalmente salvou a situação foi a deliciosa selvageria de Ungaretti. Inteiramente fóra de si, saltou da bancada como um tigre escapo da jaula e, congestionado, os olhos fóra das orbitas, poz-se, aos berros, a dirigir os mais pesados insultos á delegação franceza. Intervem energicamente Ibarguren, presidente da delegação argentina; um representante hollandez avança ameaçadoramente para Ungaretti. Estabelece-se o tumulto. A bancada brasileira protesta, todo o mundo quer falar e ninguém se entende.

Passado aquelle momento de agitação, sobe á tribuna Marinetti, dizendo que vae confundir os "inimigos da Italia".

E sae-se bem, o diabo do homem. Dominando a situação, com essa **aisance** que lhe ha dado a longa pratica de chin-

frins oratorios, elle, que foi dezenas de vezes apupado, que provoca as hostilidades, se delicia com os apartes e considera a pateada uma glorificação, não podia perturbar-se com tão pouco.

Energico, relativamente sereno, começa a falar. Não lhe era facil a defesa: mas torce, sophisma, colleia. E como é sympathico e **bon enfant**, apesar da sua bellicosidade de parada; como é expansivo, cordial, uma verdadeira criança grande, travessa, endiabrada, caprichosa, risonha, — conquista com facilidade o auditorio.

Por outro lado, Jules Romains é fechado, **poseur**, destituído de recursos oratorios, ensimesmado, sorumbatico, esoterico e meditabundo. Vive alheado de tudo e de todos, não tem a menor vocação para **mettre les rieurs de son côté**, predicado inestimavel num polemista, materia da qual o seu adversario é cathedratico por concurso. Ademais, era a sua attitude intempestiva e chocante, uma vez que as idéas de Marinetti, sobejamente conhecidas, não haviam impedido a sua filiação ao Pen Club e o seu comparecimento a congressos anteriores.

Todos viam no gesto de Jules Romain uma cilada longamente preparada, com paciência e meticulosidade. Pobre Jules Romain, era capaz de tudo para que o considerassem mephistophelico, de tudo, até de um bom discurso!

Digo que a brutalidade de Ungaretti salvou a situação porque, deante das proporções que estava tomando o incidente, tanto escriptor pacato assustado com as possiveis consequencias daquelle arranca-rabo de primeira ordem, foi facil a Iburguren obter que o Congresso concordasse em pôr pedra em cima. Não se fallaria mais no caso. E no caso não mais se falou. Apenas Crémieux, com muitas medidas, muitos rapapés á Italia, muitas declarações de amor, fez um pequeno **speech** procurando uma saída para a sua delegação do cipoal em que se metteria pela aleivosia de Romain, que naturalmente procedera de accordo com os seus companheiros de bancada. Uma conspiração em regra. E Duhamel, que parece exercer, ha muito, marcada ascendencia sobre o espirito irrequieto de Marinetti, postou-se ao lado da cadeira da presidencia, que este então occupava, e man-

samente, com muito geito, foi-lhe passando um pito, que o outro respeitosamente ouviu: — Marinetti, não é preciso brigar, rapaz! O Pen Club combate a guerra, o meu querido amigo é partidário intransigente da guerra: ora, existe, aqui, como está vendo, uma palpável incompatibilidade; pois o amigo despede-se cordialmente e vae embora. Não ha nisso nenhum mal, não vejo no que poderia parecer humilhante uma retirada assim a proposito: trata-se de simples divergencias doutrinarias e nada mais. Vossa Senhoria dá o fora e continuamos amigos como até aqui.

Marinetti é um homem das Arabias: ouviu tudo caladinho... e ficou. Quem saiu foi Duhamel, por achar incoherente, depois do que se havia passado, a aceitação do convite feito pelos Pen Clubs italianos para que o proximo Congresso sessionasse em Roma. E é pena, Duhamel era uma das mais interessantes figuras daquela reunião.

No banquete final, com que os membros do Pen Club argentino se despediam dos collegas estrangeiros, profere Jules Romains um novo discurso, maneiroso e

assucarado, dando implicitamente amnistia a Ungaretti pelas suas diatribes.

Muito bonito, tudo. Edificante e enternecedor. Que diabo, um club que tanto fala em paz não pode fomentar brigas!

Terminada aquella deliciosa arenga, Ungaretti, como impulsionado por uma força intima, impellido pelos fluidos de concordia universal que impregnavam o ambiente, atira-se ao orador... abraça-o e beija-o. O mesmo faz Puccini. Parecia-nos ouvir o aftar de asas, que deveriam ser de pombas, naturalmente brancas, e ver agitarem-se palmas verdes por sobre nossas cabeças. Um ou outro congressista mais sensível chupava o canto do olho com a ponta do guardanapo. Uma scena de derreter corações de metal. Marinetti estava ausente, andava pela provincia, numa **randonée** de conferencias. Presente o festivo heroe de Addis-Abeba, não sei a que ponto teriam chegado as effusões.

Emfim, tudo acabou bem, com o bolo do Pen Club dividido em duas metades: uma coube aos italianos, que albergarão em Roma o XV Congresso, a outra aos francezes, que conseguiram arrancar

para Jules Romain, o homem superior, insensível aos desaforos, a presidência da Federação, vaga com o afastamento de Wells. Ladram os cães, e a caravana passa. A caravana da paz...

De onde se conclue que não ha como pregar o pacifismo e ter sentimentos conciliatorios. Jules Romain, aliás Louis Faragoule, com a sua demonstração exhaustiva de controle dos nervos, chegou aonde queria. Foi preciso, para tanto, dar alguma coisa ao adversario, mas fel-o com pureza d'alma. Dirão os posteros: viveu virgem e martyr. Como morrerá ainda não se sabe, mas os povos lhe são reconhecidos. E da sua cabeça ninguem ousará arrancar a aureola esplendente de apostolo da paz.

Projectos apresentados em plenário

A séde do Pen Club deve ser o lar espiritual do escriptor.

Nella encontrará o associado um ambiente de solicitude, franqueza e amizade que lhe servirá de precioso estímulo na sua carreira.

Dado que quasi nunca encontra o escriptor da parte do publico, por maior que seja a fama grangeada, uma justa compensação aos seus esforços, o applauso ás suas iniciativas, o calor que a sua sensibilidade exige, faz-se mister que os escriptores estabeleçam entre si estreitos vinculos de camaradagem, que em parte compensem a indifferença das multidões, inclinadas mais a endeusar os heroes da violencia e do musculo do que a agasalhar os cultores da intelligencia.

O isolamento em que em sociedade se encontra o escriptor, o artista em geral, como consequencia da mentalidade materialista do momento que passa, está pedindo uma reacção: e esta só logrará tornar-se effectiva por uma calorosa união entre todos elles. Ahi está — pro-

mover esse congraçamento será uma das mais nobres tarefas do Pen Club.

Está longe de imperar no seio da gente que escreve esse espirito de tolerancia, *sympathia* e fraternidade que deveria ser o seu traço característico. Uma excessiva susceptibilidade pessoal distancia frequentemente os escriptores uns dos outros. Já o reconhecia Horacio, quando, numa epistola, se referiu ao **genus irritable vatum**... E como seja lamentavel que os escriptores, que pouco recebem do publico, não compreendam que a hostilidade demonstrada uns aos outros redundando em desprestigio da classe, conviria que o Pen Club trabalhasse por dissipar muitos malentendidos.

Como não seja possível, nem mesmo recommendavel, fazer desaparecer essa susceptibilidade de que fala o velho Horacio, seria conveniente procurar transformal-a, de susceptibilidade pessoal, numa susceptibilidade de classe...

Se as affrontas feitas a um escriptor, se as perseguições por elle soffridas repercutissem nos seus irmãos de ideal e todos se unissem para repellir umas e fazer cessar as outras, isso traria, como

consequencia, maior autoridade da classe em geral e de cada um dos seus componentes em particular.

Para tanto, faz-se necessario um organismo coordenador: e ahi está o Pen Club, com um vasto programma a realizar nesse sentido. Incumbe ao nosso gremio, além de centralizar e orientar as boas vontades, outra providencia tendente ao cumprimento da missão que aqui encarecemos: a identificação, rigorosa quanto possivel, dos escriptores.

Ampliando dia a dia os seus quadros, poderá o Pen Club de cada paiz contar em seu seio os escriptores que realmente o sejam, e que gozarão uns dos outros, e por parte da entidade associativa, desse carinho vigilante, desse espirito de solidariedade que desejamos avivar.

Concretizando as idéas aqui expostas, tomamos a liberdade de apresentar á illustre assembléa os tres projectos que seguem.

Projecto n.º 1

Art. — Cada Pen Club designará uma comissão de cinco membros, que será chamada Comissão da Boa Vontade, especialmente encarregada de manter entre os associados um alto espirito de cordialidade.

Art. — Funcionará também essa Comissão como **tribunal de honra**, sempre que para tanto for solicitada, com o fim de resolver pendencias entre os associados.

Art. — Procurará a Comissão harmonizar os contendores, determinando que se elimine da sociedade aquelle que haja feito ao queixoso offensa irreparavel ou que, sem motivo, se mostre intransigente e incapaz de conciliação.

§ — Das determinações da Comissão haverá recurso para a Directoria do Club, que então se manifestará inappellavelmente.

Art. — No caso de serem dirigidas a um socio offensas impressas por quem não pertença ao quadro social, a Comissão, a pedido do offendido, defendel-o-á publicamente, podendo aceitar a presença do aggressor, caso deseje este explicar-se.

Projecto n.º 2

Art. — Cada Pen Club proverá a Federação do material necessario para que em sua séde seja constituido um archivo com os seguintes dados:

a) — Nome, pseudonymos literarios e endereço de cada associado;

b) — Resumo biographico do escriptor, lista de suas obras e tudo quanto pareça util a pol-o em relação com os membros dos varios Pen Clubs e do publico em geral.

§ — Deverá esse archivo ser organizado sob a forma de fichario, de molde que se possam ministrar rapidamente a quem deseje as informações pedidas sobre qualquer membro dos clubs federados.

Art. — Na séde da Federação constituir-se-á uma bibliotheca especial, de consulta publica, com as obras dos membros dos varios Pen Clubs, offerecidas autographadas pelos autores por intermedio do gremio a que pertencam.

Projecto n.º 3

Art. — Organizará a Federação, anualmente se possível, um concurso literario entre os membros das diversas associações federadas, nas seguintes condições:

Art. — Cada Pen Club promoverá um concurso para escolha da melhor obra literaria publicada no anno anterior pelos associados que expressamente para isso se inscreverem.

Art. — A obra premiada será remetida á séde da Federação, que promoverá novo concurso entre as obras enviadas pelas diversas associações locais.

Art. — Os dez primeiros trabalhos classificados nesse novo concurso (na impossibilidade de dez, serão contemplados cinco, ou um só) serão premiados com uma quantia em dinheiro, ou com um diploma, medalha ou o que mais convier, e serão traduzidos para dois idio-

mas de projecção mundial (para o francez e inglez, proporiámos, ou para o hespanhol, caso sejam escriptos num desses idiomas). Publicados por conta da Federação, esta ficará com a propriedade das edições.

Art. — Os gastos decorrentes deste concurso, como os que acarrete o projecto anterior, serão cobertos pela quota annual que cada Pen Club abonará á Federação, e que consistirá numa percentagem fixa, uniforme, sobre as anuidades de seus socios.

§ — Para esse e outros effeitos organizará a Federação uma Caixa que, ademais, receberá doações de pessoas interessadas nas letras etc.

(Pensamos não seria absurdo que cada Pen Club constituísse, por sua vez, uma caixa destinada a receber doações. Com uma propaganda intelligente, talvez fosse facil obter a cooperação financeira de pessoas afeiçoadas a coisas de arte).

Este projecto, apresentado em linhas muito geraes, será devidamente detalhado e regulamentado pela Federação.

Funcção social do escriptor

Traducção, do francez,
do discurso pronunciado
em uma das sessões.

A função social do escriptor, o papel que este representa na communiidade, os direitos que lhe assistem, o que pode esperar de um organismo coordenador das suas actividades, como é o Pen Club — são themas verdadeiramente fascinantes, sobre os quaes gostaríamos de borboletear agora na vossa presença.

Antes de mais nada, evitaremos alar-mar os illustres collegas e resignados ouvintes com a perspectiva de uma interminavel dissertação: sabendo não ser a paciencia a virtude caracteristica de nenhum de nós, inquietos garimpeiros de imagens, e tambem por nos exprimirmos em idioma que ousamos pedir emprestado, procuraremos ser prudente, explicito e breve. Não abusaremos, muito por cortezia e um pouco tambem por instincto de conservação — por covardia — por que não dizel-o? — pois, se agora nos cabe o papel de verdugo, de orador, voltaremos daqui a pouco a ser ouvinte, a ser victima, e tememos represalias sangrentas, vinganças refinadas de quem justamente

se sentisse revoltado com a nossa obstinada permanencia na tribuna.

Nestes jogos floraes em que nos empenhamos, nas bizarras tertulias academicas em que vimos transformando os nossos dois meetings diarios, entre outras cogitações de evidente transcendencia, vejo que nos esforçamos por deixar intransigentemente firmado qual seja a função social do escriptor: se este se deve dirigir ao leitor ordinario, ás multidões semi-alphabetizadas, ou sómente ás élites intellectuaes; se lhe cabe intervir na politica etc., etc. Ora, no meu despretencioso modo de pensar, todas estas discussões trazem como consequencia collocar lamentavelmente o escriptor dentro de uma cadeia de limitações que só podem prejudical-o, uma vez que o que deveriamos pedir-lhe seria simplesmente a livre expressão da sua intelligencia.

Se se desenrolassem taes debates entre homens alheios ao nosso officio, talvez tolerassemos o seu ingenuo afan de pôr-nos entraves, de aparar-nos as asas, de impellir-nos numa trilha methodicamente preestabelecida, com toda

consciencia e a maior meticulosidade... O que não compreendemos é que os senhores escriptores procurem delimitar a propria funcção e desenvolvam tamanha actividade, desperdicem tanto talento com a idéa fixa de traçarem um circulo de ferro dentro do qual prazenteiramente se colloquem...

Não deixa de ser estranha essa ansia de chegarmos a conclusões geometricas em terreno tão pouco propicio ás precisões da engenharia. Se somos engenheiros, somol-o de linhas escriptas, que não podem ter o rigor de traçado das linhas ferroviarias...

O escriptor que se detenha a pensar, ao tomar da penna: Neste momento, vou fazer um pouco de arte pura, vou escrever para mim mesmo, ou para meia duzia de pessoas capazes de acompanhar-me; ou que determine: Dirigir-me-ei a todo o mundo, — começa a cercear as suas possibilidades, a condicionar a inspiração, a limitar-se, emfim. Está fazendo literatura dirigida...

E se o espirito repelle até a sua propria dictadura, segundo a notabilissima observação de Romain, com muito maior

razão se opporá a ser tyrannizado por quem quer que seja. O escriptor ou é livre ou deixa de ser escriptor. O proprio genio que se sujeitasse a uma orientação alheia, que se incorporasse ao typo standard, como modelado a machina, na expressão do nosso presidente Iburguren, passaria de artista a artesão, transformar-se-ia num simples fabricante de phrases sob medida, encommendadas pelos freguezes, ou pelos patrões.

A funcção do escriptor — não apenas a sua funcção social, mas a sua funcção **tout court**, é apenas esta: escrever. O que sómente d'elle pode exigir o publico é que escreva. A ninguem lhe cabe impor nem mesmo que escreva com talento, uma vez que varia muito o nivel intellectual dos leitores e sabemos não serem sempre os escriptores mediocres os que contam systematicamente a menor clientela.

Deverá ou não o escriptor intrometer-se em politica? Ahi está outra restricção, outro freio que se discute dever-se ou não impor a quem escreve.

E' curioso observarmos como o homem se apraz em dividir a vida em va-

rios problemas, dispares e separados como se coexistissem em compartimentos estanques: o problema politico, o social, o economico, o biologico, o religioso... E cada um desses problemas tem a sua solução entregue a um especialista: o politico profissional, o sociologico, o economista, o medico, o sacerdote. O especialista toma conta do seu problema, do qual se esforça por vir a cabo, de accordo com os seus pontos de vista pessoais, os seus preconceitos, as suas inclinações, as suas idiosyncrasias, os seus complexos, em uma palavra, as suas limitações. E, como lhe reconhecemos a sua alta categoria de perito, elle constitue-se autoridade e impõe o seu parecer, reclamando-nos uma obediência cega; obediência que lhe não regateamos, uma vez que lhe deferimos a função de solucionar os diversos problemas em que desarticulamos a existencia, e aceitamos as suas determinações, situação das mais commodas, pois nos dispensa de raciocinar, o que é, segundo parece, tarefa das mais penosas e antipathicas.

Ora, em nosso modo de entender, que é muito pessoal e estamos longe de que-

rer impor a quem quer que seja, esse processo de collocar dentro da vida diversos problemas separados e distinctos, entre-gando-se cada um delles a um experto, empana a belleza da vida, destroe-nos a harmonia das horas. Não se compõe a vida de varios problemas, só lhe podemos reconhecer um problema unico — viver. Viver harmoniosamente, integralmente, com exuberancia, com entusiasmo. E, para tanto, é necessario que cada um resolva por si mesmo o seu problema, sob o aspecto economico, politico, social, religioso etc., dependendo dos outros apenas nas coisas industriaes, nitidamente technicas. Isso sim, pois não vamos ao ponto de exigir, como o senhor Gandhi, venerando mestre da nossa encantadora companheira Sophia Wadia, que cada um ordene por si mesmo o animal que o alimenta e fie na sua roca o panno que depois converterá em tanga, — e esta segunda parte só emquanto não for proclamado no mundo o imperio incontrastavel do nudismo...

Se tal affirmo em relação ao homem em geral, murado dentro da sua profissão, da sua especialidade, mais ainda

deveremos affirmar-o do escriptor, cuja unica especialidade é escrever, informar os outros de como encara o problema da vida, constante dos innumerados pequenos problemas em que tentamos seccionar-a!

Sendo assim, e deante de homens apertados entre os travessões da sua especialidade, da sua profissão, se o escriptor deve ter uma função determinada, queremos assignar-lhe uma função cosmica — a de abeirar-se da vida na sua plenitude, com a intelligencia desperta e o espirito agil, mostrando a cada leitor o caminho da realização do seu proprio eu.

Nestas condições, como pôr em duvida que seja natural occupar-se o escriptor de assumptos politicos? Se todos, ou quasi todos, são chamados, através do voto, a tomar parte nessas contendas, como querer que o escriptor se mantenha alheio aos entrechoques entre os que se empenham na orientação da coisa publica?

Tempo houve, bem o sabemos, em que se permittia a quem manejasse uma penna viver encarcerado na torre blindada dos seus sonhos, onde não chegava

o éco das batalhas que se travavam no exterior dessas paredes impermeaveis. Mas os novellistas, os poetas, os theatrologos que assim se acantoavam, e ainda se acantoam — hélas! numa pretensa superioridade em relação aos demais homens, não produzião e não produzem senão obras sem fibra, sem nervos, sem sangue, — jogo de palavras mais ou menos engenhoso, colorido, bonito mesmo, mas que não chegam ao coração de quem as lê, porque são obras artificiaes e artificiosas, alheias á vida. Vão pedir a um Dante, a um Camões, a um Victor Hugo, a um Castro Alves, a um Unamuno que se divorcie da politica!

E' claro que nos referimos á politica num sentido amplo, no mais elevado dos sentidos: não cogitamos de politica local, de politica partidaria, que não é politica mas politicalha, na qual só entram em jogo pequenos interesses immediatos, interesses pessoaes e de um nucleo reduzido.

Ao falar em politica, visamos ás relações entre governos e governados, das quaes decorre a estructura dos agrupamentos. Vivendo o escriptor em socieda-

de, não lhe cabe alhear-se ás lutas politicas, que são, afinal, lutas sociaes, cujo proposito é sempre, em ultima analyse, furtar o espirito a condicionamentos e tyrannias, collocando-o no seu verdadeiro clima, numa atmospherã de liberdade, unica em que lhe é possível desabrochar e viver.

Assim, não comprehendemos como possa mostrar-se o escriptor insensivel a esse drama gigantesco que traz, hoje em dia, o mundo desorientado e suspenso. E que deixe de estigmatizar o delirio dos extremismos, esses regimens na apparencia contrarios, que theoreticamente se combatem e buscam neutralizar, mas que estão, na realidade, unidos, sem a menor discrepancia, no enfrentar o unico inimigo que se lhes depara e lhes é como um denominador commum: a liberdade moral do cidadão.

Não vemos, por outro lado, como possa a função do escriptor, do artista, ser uma simples profissão, um **trabalho**, que o occupará algumas horas do dia, deixando-o livre o resto do tempo. Tão pouco nos conformamos com que um artista o seja nos seus livros, nos seus mar-

mores, nas suas telas e não o seja no seu viver diario; com que estabeleça uma linha nitida divisoria entre a sua arte e a sua vida, ou se dê ao luxo de ser artista das oito ás doze da manhã e não queira ter a maçada de sel-o depois do almoço... Para o verdadeiro artista, a arte é toda a sua vida; elle é artista na sua poesia e na sua musica como o é em toda sua maneira de ser, pensar e agir.

Não se pode dissociar o artista do homem: e só ha verdadeira arte quando homem e artista formam um todo harmonico. Aquelle que todos os dias, ou dia sim dia não, se senta á mesa, ás dez horas da noite, de penna em punho e imagina: Agora, até uma da madrugada, vou ser escriptor, vou ser artista, vou ser homem de pensamento, — poderá ser um bom fabricante de livros, um honesto accumulador de phrases escriptas, possivelmente com grande successo editorial, mas nunca será um homem de pensamento, um escriptor ou um artista. Verdadeiro artista, verdadeiro escriptor, é sómente aquelle que o é sem pensar, espontaneamente, como o passaro é passa-

ro sem o saber, e canta porque não pode deixar de cantar.

Assim, que se poderá esperar do futuro de um povo assoberbado por um regimen que pretenda condicionar o artista dentro de canaes aprioristicamente delineados, forçando a arte, a inspiração — imaginem só! o genio a contrairem-se dentro de rigidas orientações administrativas? Se não fôra tragico e quasi fizesse chorar, seria comico e faria rir o empenho de alguns conductores de homens de considerarem os escriptores animaes domesticos, que devem ficar ali ao pé, na *basse-cour*, perfeitamente acclimados dentro da sua cerca, ao lado das gallinhas e dos perús, tranquillos e satisfeitos no seu estado.

Vemol-os, por quasi toda parte, numa situação mais infeliz que a do albatroz de Baudelaire.

Milho talvez não lhes falte, mas elles precisam não tanto de milho, como de ar puro e dos vastos panoramas que se descortinam das alturas.

Dado o papel que assim se attribue ao escriptor, ao artista em geral, patenteia-se a necessidade vital em que se en-

contra e o direito incontrastavel que lhe assiste de mover-se num ambiente livre de peias e constrangimentos.

Verdadeiramente, só temos um bom combate a combater: reivindicar o intangivel direito dos escriptores, o mais sagrado dos seus direitos, — o de expandir com liberdade as suas idéas.

Seja-nos permittido agora, para concluir, dizer o que pode esperar o escriptor, individualmente, do Pen Club, o papel que incumbe a este centro de co-operação dos escriptores do mundo.

A divisão da sociedade em classes, em departamentos profissionaes, é um mal que ninguem pensa remediar e que poucos talvez saibam devidamente aquilatar. Ao contrario, cada dia mais rigidadas se tornam as fronteiras entre as diversas classes, o que faz que cada vez o homem menos se entenda com o homem. Uma classe levanta-se ao lado de outra — e ahi temos dois rivaes que se defrontam, cada um imbuido do seu orgulho professional, das suas peculiares

superstições e preconceitos, das suas prevenções e phobias. Dia virá — não sei quando — em que todos os homens se unirão com um mesmo espirito de humanidade, em que a profissão de cada um será mero accidente que a ninguem conferirá superioridade ou privilegio.

Mas não nos projectemos sobre o futuro: fixemo-nos no presente, no qual facilmente observaremos a união dos membros de cada classe, na defesa de interesses communs, e formemos tambem a nossa classe. Não uma classe que se apresente como oppositora das outras, mas que saiba, ao contrario, mostrar a todas a esterilidade das suas lutas e a necessidade de uma cooperação intelligente e leal.

Essa classe, aliás, já está formada, pelo milagre do Pen Club. E vejamos o que nos pode dar este gremio, a nós, que fazemos da penna o nosso ganha-pão, o nosso prazer, a razão mesma de ser da nossa vida.

Compete ao Pen Club esforçar-se por dar a cada escriptor uma ampla consciencia da dignidade da sua funcção.

Mais que uma profissão ou um passatempo, escrever — propagar idéas, provocar emoções, convidar á reflexão — é uma altíssima e nobilíssima função social. E' função que, socialmente, corresponde a uma necessidade, como quer Duhamel.

Já vae longe o tempo em que o escriptor, o poeta, o artista em geral não passava de um pobre cortezão, mais ou menos tolerado, um servo dos governos, caudatario dos politicos, cujas glorias cantava e com cuja grandeza se mostrava deslumbrado, pouco mais que um prolongamento da famulagem dos principes. Houve periodos em que entre um escriptor e um bobo da côrte não se notava differença apreciavel... Eram épocas de obscurantismo e tyrannia, quando as multidões — e as proprias élites — não sabiam ler, quando o gosto se circumscrevia a um pequeno grupo de privilegiados e o artista era uma especie de animal curioso, ás vezes um animal de luxo, que os nobres alimentavam para seu gozo e diversão. Onde haviam ficado os dias luminosos em que brilhava o genio da Hellade, quadra sem par na his-

toria, na qual o escriptor, o philosopho, o artista eram a essencia mesma, a essencia perfumada e nobre daquella nação?

Esses tempos passaram, e sobre a humanidade desceu uma cortina plumbea, que durou seculos.

Um mundo novo surgiu do chaos espiritual e, com a rehabilitação das artes, a alma humana se sentiu novamente dignificada. E hoje tem o escriptor, e deve tel-o cada vez mais, um posto bem marcado nas espheras superiores da sociedade. Elle é essencialmente, queiram ou não queiram, o creador da opinião publica, o guia do pensamento geral, o crystallizador da mentalidade de uma época. Passam os reis com as suas pompas, pobres pompas que já hoje a ninguem fascinam; os apóstolos com as suas doutrinas; os politicos com as suas paixões; os argentarios com a sua opulencia, cada vez mais insegura e precaria, — todos os homens passam, as suas vaidades e os seus rancores, as suas ansiedades e as suas perfidias. Tudo que é pó volta a ser pó — **in pulverem reverteris**. Só o pensamento, que é luz, é imperecível.

E se os que foram grandes no seu tempo não desappareceram de todo, é ainda porque um escriptor se lembrou delles e resolveu perpetuar-lhes a memoria. Só o escriptor permanece, através do seu pensamento immortalizado no livro.

E' nesse relicario da idéa — o livro, que atravessará as gerações, insensível aos assaltos do tempo, ao odio dos tyrannos, ás perseguições dos fanaticos, que os homens encontrarão o monitor supremo das suas acções, o propheta da sua grandeza e da sua miseria, o balanço das suas possibilidades e o espelho do seu destino.

Exijamos, pois, que o livro seja honrado acima de tudo e que se reconheça ao escriptor, em sociedade, a situação a que tem direito, como creador de belleza que é, prodigo sementeiro de idéas, instrumento de purificação do ambiente e architecto do aperfeiçoamento da humanidade. E que se lhe faculte ampla liberdade de pensar e expor os seus pensamentos.

Como proclamou o grande Wells na sua bella mensagem, a bandeira do Pen

Club é a bandeira do pensamento livre e da livre discussão.

A mais nobre tarefa deste gremio, sua tarefa precípua, consiste, pois, em proporcionar ao escriptor toda a assistencia necessaria para facilitar, ennobrecer e estimular a sua missão.

Quanto a este congresso, verdadeiro concilio ecumenico das letras, em que o pensamento contemporaneo apparece tão galhardamente representado e de cujos debates algumas paginas fortes entrarão para o acervo literario de uma época, estamos seguro que marcará etapa decisiva no congraçamento dos homens que crêem no espirito e por elle vivem.

Vêm-nos á boca as palavras orgulhosas de Thucydides — **Ktêma eis aei** — não foram esforços vãos, os vossos, deixareis aqui algo de firme, de definitivo, na congregação das forças espirituaes da humanidade.

Duas entrevistas

**Las reuniones de los P. E. N. Clubs
conceden a los escritores una conciencia
más nítida de su misión, expresa el
escritor Ch. de Camargo**

Entrevista concedida á
United Press.

Bs. Aires, 14 (Esp.) — Christovam de Camargo, el joven escritor brasileño, cuya actuación en las deliberaciones del XIV Congreso Internacional de los P. E. N. Clubs ha sido notable y destacada, en una interviú concedida especialmente a la United Press, con un poco de su natural buen humor y otro poco de su seria interpretación del importante congreso celebrado en Bs. Aires, ha fijado interesantes puntos de vista sobre las características y transcendencia del excepcional acontecimiento.

Periodista, doctor en derecho y filosofía y literato de cepa genuina, el doctor de Camargo es una figura que ha trans-

puesto ya los límites de su país y que ha merecido una amplia consagración en el mundo de las letras.

Su último trabajo, que constituye un meticuloso estudio de la sub-conciencia, le ha granjeado un lugar de absoluto relieve entre los pensadores de su país.

Desconfía de los congresos

Tan pronto el cronista le requiere su opinión sobre la importancia del Congreso de referencia, el doctor de Camar-go expresa:

— Desconfío mucho de los congresos en general. Empiezo por desconfiar de los congresos nacionales, de los parlamentos, y mi natural desconfianza se extiende a todas esas reuniones, literarias, políticas, religiosas y gastronómicas, para desarmar las potencias o dar trabajo a los que no lo encuentran, para rectificar fronteras, discutir reformas sociales o aprobar un plan ingenioso para que las vacas den más leche y las gallinas pongan más huevos.

Después, en esos congresos, hay demasiados banquetes, demasiadas fiestas,

de suerte que yo tengo muchas razones para creer que tales reuniones fueron inventadas por los médicos especialistas en enfermedades del aparato digestivo... Y para que los médicos especialistas en enfermedades de los nervios no se pongan celosos, los congresales suelen recibir un mundo de invitaciones para paseos, bailes, procesiones, sesiones de espiritismo, ceremonias budistas, misas, riñas de gallos y, lo que es terrible, para oír conferencias. Con los estómagos y nervios así deshechos, agregó, tenemos que proclamar todos, con M. Jules Romains: — “Le triomphe de la médecine”...

Agradable y provechoso contacto

Aparte de ésto — dijo luego — tales reuniones de los Pen Clubs tienen mucho, muchísimo de bueno: establecen un agradable y provechoso contacto entre los escritores de todo el mundo, les dan una conciencia más nítida de la importancia de su misión, de propagadores de ideas y creadores de belleza; y, para escritores jóvenes como yo, y que aún no llegaron a ser grandes, constituyen un muy apre-

ciable estímulo para el trabajo. Entrando en la intimidad de hombres como Zweig, Ludwig, Duhamel, Maritain, Marinetti, Puccini etc., el escritor joven adquiere una cierta "aisance" de movimientos, una cierta "allure", y pasa a caminar con más firmeza. Se le despejan los horizontes y el camino le parece menos arduo y más atrayente.

Se ha revelado una enorme energía intelectual

El actual Congreso — dijo por otra parte — trae para la Argentina incalculables consecuencias. En primer término, vino a revelar las enormes reservas de energía intelectual de que está dotado este pueblo. Despertó el Congreso una curiosidad increíble y puso en todas las esferas de la sociedad una vibración inusitada.

Todo se puede esperar, agregó, de un pueblo que se muestra tan sensible a las luchas del pensamiento y a todo lo que atañe al espíritu.

El gobierno argentino

El gobierno argentino ha estado — manifestó después el doctor de Camargo — como siempre, a la altura de la situación, creando las mayores facilidades, en dinero y asistencia, para que todo se resolviera maravillosamente.

Es que ocurre que el presidente de la república, Gral. Justo, es un intelectual. Los homenajes con que recibió a los congresales mostraron la parcialidad cariñosa de quien sabe que va a sentirse bien entre colegas. El discurso pronunciado por el presidente en el almuerzo de la Casa de Gobierno es una finísima pieza literaria, en la que hay forma y fondo, idea y gracia. El general Justo tocó con elevación varios puntos del problema social, demostrando comprender la verdadera misión del escritor, en los tiempos atribulados que corren, y señalándolos con clarividencia y energía.

El Congreso — dijo por último — vino a revelar Sud América al Viejo Mundo con una elocuencia que sería superfluo subrayar. Y los escritores que aquí se reunieron, algunos de los cuales son los ver-

daderos directores del pensamiento contemporáneo, solo pueden llevar de la Argentina, que tan hidalgamente los recibió, recuerdos imperecederos de los cuales sus futuros libros serán naturalmente los depositarios”.

(United).

REHABILITAÇÃO UNIVERSAL DA CULTURA

As impressões do delegado brasileiro, dr. Christovam de Camargo, ao Congresso dos Pen Clubs, em Buenos Aires.

Uma visão de inegalavel grandeza — O interesse popular e official em torno das reuniões — Sua repercussão mundial — Tres projectos brasileiros — Setenta escriptores — O ponto de vista pratico.

Entrevista publicada em
"O JORNAL" de 30 de
setembro de 1936.

O escriptor Christovam de Camargo foi um dos delegados brasileiros ao Congresso dos P. E. N. Clubs, que ha pouco esteve reunido em Buenos Aires. De regresso da capital argentina, o nosso representante concedeu a "O JORNAL" breves impressões sobre o que foram os

trabalhos da imponente conferencia. Nessa oportunidade, o sr. Christovam de Camargo teve palavras da mais alta sympathia para o povo argentino, exaltando-lhe a fidalguia e, sobretudo, a distincção captivante com que foram tratados os escriptores brasileiros. Nas suas rapidas observações, o sr. Christovam de Camargo salientou alguns aspectos do Congresso, promettendo-nos uma entrevista mais longa para quando estivesse refeito da fadiga, tão natural depois de uma viagem mais ou menos longa. Esperámos, e hontem, o companheiro de representação do sr. Claudio de Souza preveniu-nos que estava á disposição de "O JORNAL".

Um panorama de Buenos Aires

Como era natural, o sr. Christovam de Camargo começou falando da capital argentina, com um enthusiasmo contagioso.

— Quando Buenos Aires — disse-nos — veste as suas galas hibernaes, como diria um romantico, apresenta o aspecto trepidante de uma feira, uma grande feira da intelligencia. E' a primeira vez que visito a cidade na estação fria,

e venho encantado com o que observei: theatros, exposições, conferencias, tertulias literarias, reuniões artisticas, ás dezenas, ás centenas.

O argentino é possuidor de um extraordinario espirito associativo: meia duzia de pessoas que têm gostos communs reúnem-se, e está formada uma sociedade, que vae recebendo novos adherentes, augmenta, prospera, solidifica-se e torna-se dentro em pouco uma potencia.

Não houve desencanto

Depois dessa breve introducção, feita de um folego, o conhecido escriptor assim proseguiu:

— O “O JORNAL” já disse muito do que se poderia dizer sobre a magna reunião de escriptores vindos a Buenos Aires de todos os pontos do globo. E não me canso de louvar o esforço que despendeu para trazer o publico sempre maravilhosamente informado, para despertar em todas as camadas um nobre interesse por uma assembléa que só poderia tratar, e só tratou, de coisas do espirito. O

“O JORNAL” pode gabar-se de haver empreendido uma formidável campanha cultural, que exige applausos e o reconhecimento de todos os brasileiros.

Afirmaram alguns jornaes que eu vinha desencantado com os resultados do Congresso; sinto que as minhas palavras não tenham sido bem interpretadas.

Disse apenas que o alcance pratico do Congresso talvez não fosse muito grande. Realmente, gastámos algumas horas em dissertações puramente philosophicas, ás quaes fomos arrastados pelos representantes da India, cujas preocupações religiosas, cuja mentalidade, tão desprendida das coisas terrenas, nós, do occidente, talvez não saibamos compreender e apreciar. A assembléa ouviu, aliás com toda unção e respeito, alguns sermões buddhistas, que deixaram no ambiente uma resonancia de alta espiritualidade e mysticismo.

Tudo será em breve realidade

E, continuando:

— Os resultados praticos virão depois. Tudo depende da interpretação que

o comité executivo der a alguns trabalhos apresentados. Pessoalmente, offereci tres projectos: sobre assistencia moral ao escriptor; sobre premios em um concurso annual de obras de membros dos diversos Pen Clubs e sobre formação de bibliothecas e maior intercambio entre os escriptores do mundo.

Se a esses planos, como ao que foi apresentado por Claudio de Souza, e a outros, for dada a devida execução, o Congresso terá conseguido muito de real, palpavel e duradouro.

Agora, mesmo sem a effectivação desse opulento programma de realizações, o simples facto de ter Buenos Aires conseguido reunir cerca de setenta escriptores, alguns dos quaes são mestres que o mundo admira e acompanha, representa um triumpho para a Argentina e para toda a America.

A repercussão do Congresso

— Até hoje, nenhum congresso de intellectuaes, como observou Emil Ludwig, teve a repercussão universal desse que acaba de encerrar-se em Buenos Aires.

Cabe aqui pôr em relevo, como factor preponderante de exito tamanho, a actuação pessoal do presidente Justo, fazendo questão de que tudo contribuisse para o esplendor, inusitado e unico, da conferencia, a decima quarta, no genero, reunida no mundo: acolhimento caloroso aos escriptores, hospedagem fidalga, o prestigio da sua presença de chefe de estado, facilidades para tudo, dinheiro em abundancia...

Quanto ao presidente do Congresso, Ibarguren, sempre se desempenhou esse collega illustre com brilho e eficiencia. Grande escriptor que é, ensaista primoroso, a sua influencia em tudo se fazia vantajosamente sentir. E Antonio Aita, que preparou o certamen e depois o secretariou, deixou em todos a impressão de um secretario ideal: capacidade de trabalho, espirito de organização, tino diplomatico, e uma energia sempre a proposito, temperada pela suavidade de maneiras de um gentleman. Cumpre, finalmente, registrar a cooperação da imprensa argentina, que soube manter sempre acceso o interesse publico, e a extrema sen-

sibilidade espiritual da sociedade portenha, que emprestou, com seus applausos, ao Congresso, as proporções de um verdadeiro acontecimento.

Ninguém pode imaginar a vibração que se notava em sociedade durante esses quinze dias em que Buenos Aires hospedou algumas das actuaes figuras mais representativas das letras. Posso dizer, sem exagero, que a vida, nos varios centros, ficou perturbada e suspensa. O Congresso era o thema de todas as palestras. Aproximar-se dos escriptores, apertar-lhes a mão, conversar com elles alguns minutos, delles obter a firma num album constituia a grande aspiração dos habitantes da cidade. Diga-me, não é consolador observar tudo isso? Olhe que não eramos heroes do ring, jogadores de football ou astros de cinema: não passavamos de operarios da penna, modestos pedreiros de idéas...

Um espectáculo supremo

— Buenos Aires offerencia aos nossos olhos o espectáculo supremo de uma reabilitação universal da intelligencia. Se

eu já era amigo da Argentina, imagine como não voltei agora, depois de haver podido, como nunca, aquilatar as formidáveis reservas de espiritualidade daquelle grande povo!

As manifestações populares

— Em dois ou tres dos discursos que ali pronunciei, chamei attenção do Congresso para as manifestações de sympathia de que estavamos sendo alvo, agradecendo ao publico o calor com que nos apoiava e que era para nós precioso e inesgotavel incitamento. Falava como escriptor brasileiro, em nome do Brasil, e espero que a minha palavra haja contribuido um pouco para approximar ainda mais, se é possivel, argentinos e brasileiros.

As nossas reuniões attraíam ao Consejo Deliberante verdadeiras multidões freneticas. Duas horas antes de começarem as sessões, era impossivel o transito em frente á porta principal do edificio. A policia, que se conduziu sempre com a mais exemplar cortezia, era obrigada a estabelecer cordões de isolamento, —

uma verdadeira muralha humana, para garantir aos congressistas o accesso ao recinto das sessões. Era simplesmente estupendo!

Nas conferencias que alguns congressistas professaram em diversos pontos da cidade, a affluencia era igualmente enorme e calorosa. Passava por Buenos Aires uma rajada de enthusiasmo. Uma das palestras que ali proferi realizava-se á mesma hora em que treze outras eram annunciadas, sobre os mais variados themas. E aqui está: pela photographia dos jornaes, pode constatar quanta gente teve que ficar de pé...

As impressões pessoais do nosso representante

— A minha impressão, como de todos os congressistas, é de verdadeiro deslumbramento. Foram duas semanas vertiginosas, em que os trabalhos do congresso e os banquetes, festas e recepções nos tomavam as horas e os minutos do dia e da noite.

O grande problema para todos nós era dormir... As principaes familias ar-

gentinas desfaziam-se em gentilezas, acolhendo-nos carinhosamente, permitindo-nos viver algumas horas a vida requintada e nobre das suas mansões. Foram dias inesquecíveis, que nos deixaram uma visão indelevel da grandeza daquelle povo e da fidalguia de uma sociedade que honra a cultura da America.

COMPOSTO E IMPRESSO
EM JULHO DE 1937

BREVEMENTE
DE CHRISTOVAM DE CAMARGO



— *IDEAS E PERFIS*

— *O QUE É E O QUE DEVE SER* (Epitome de
reorganização nacional

e a 2.^a edição de

— *SUBCONSCIENTE, O NOSSO IMMENSO MUNDO*
INTERIOR.

Preço 6\$000